



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA

VINÍCIUS GONÇALVES INÁCIO

**O ENSINO DE MÚSICA COMO ALTERNATIVA DE RENDA NA PANDEMIA:
EXPERIÊNCIAS DE DOIS MÚSICOS DA CIDADE DE JOÃO PESSOA**

JOÃO PESSOA

2023

VINÍCIUS GONÇALVES INÁCIO

**O ENSINO DE MÚSICA COMO ALTERNATIVA DE RENDA NA PANDEMIA:
EXPERIÊNCIAS DE DOIS MÚSICOS DA CIDADE DE JOÃO PESSOA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação em música apresentado ao Centro de Comunicação, Turismo e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Música.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Juciane Araldi Beltrame

JOÃO PESSOA

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

I35e Inacio, Vinicius Goncalves.

O ensino de música como alternativa de renda na
pandemia : experiência de dois músicos da cidade de
João Pessoa / Vinicius Goncalves Inacio. - João Pessoa,
2022.

51 f. : il.

Orientação: Juciane Araldi Beltrame Beltame.
TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Música (Licenciatura) - TCC. 2. Músicos - Renda -
Pandemia. 3. Músico - Professor. 4. Música - Ensino
remoto. I. Beltame, Juciane Araldi Beltrame. II. Título.

UFPB/CCTA

CDU 78:37(043.2)

**O ENSINO DE MÚSICA REMOTO COMO POSSIBILIDADE DE RENDA NA
PANDEMIA: EXPERIÊNCIAS DE DOIS MÚSICOS DA CIDADE DE JOÃO PESSOA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação em música apresentado ao Centro de Comunicação, Turismo e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Música.

Resultado: Aprovado

João Pessoa, 18 de novembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA



Profª. Drª. Juciane Araldi Beltrame (orientadora)
Universidade Federal da Paraíba



Profª. Drª. Luciana Pires de Sá Requião (examinadora)
Universidade Federal Fluminense



Prof. Me. Gutenberg de Lima Marques (examinador)
Universidade Federal da Paraíba

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Carolina, Lucas e Marina, a razão maior do meu viver. Continuamos acreditando na arte, no esporte, na cultura e na luta por um mundo mais fraterno.

Agradeço a meus pais e tios, por terem me dado a educação como caminho.

À Juciane, pela acolhida fraterna e competente.

Minha Gratidão aos colaboradores desta pesquisa, pela confiança e por contribuírem com depoimentos íntimos e verdadeiros.

Agradeço a Gutenberg e Luciana Requião, por aceitarem o convite para participar da banca de apresentação deste trabalho.

Por fim, à Universidade Federal da Paraíba, por me proporcionar a oportunidade de vivenciar maravilhosas experiências de aprendizado.

RESUMO

Em função da pandemia de 2020/21, que levou ao fechamento de diversos locais de trabalho, a classe dos músicos, assim como várias outras classes, se viram em uma situação difícil. A suspensão dos shows e o fechamento de outros locais de atuação, como estúdios e escolas especializadas de música, geraram um forte impacto na renda e na forma de trabalho destes profissionais. Esta pesquisa teve como objetivo geral compreender como o ensino de música se apresentou como opção de trabalho para dois músicos com atuação na cidade João Pessoa. Desta forma, a fim de compreender as condições de trabalho destes músicos e os impactos na renda, a pesquisa dialogou com estudos sobre condições de trabalho dos músicos no Brasil. Partindo de entrevistas semiestruturadas, a pesquisa visou descrever como ocorreram as atividades de ensino de música a distância em caráter emergencial. A análise dos relatos nos remeteu a interlocuções com a área de educação musical, as estratégias desenvolvidas para a execução das aulas, aprendizados gerados, abordagens sobre a cultura digital participativa, a expansão e criação de novos formatos de se ensinar e aprender música e reflexões sobre as perspectivas de atuação para o músico e o professor de música. Com este recorte, a partir de uma perspectiva local, pretende-se contribuir com os estudos da área de educação musical acerca da temática.

Palavras-chave: renda dos músicos; músico-professor; ensino remoto de música; ensino de música na pandemia.

ABSTRACT

Due to the 2020/21 pandemic, which led to the closure of various workplaces, musicians, like many other professional groups, found themselves in a challenging situation. The suspension of live performances and the closure of other venues, such as music studios and specialized music schools had a significant impact on the income and work patterns of these professionals. This research aimed to understand how music education emerged as an alternative employment option for two musicians based in João Pessoa. In order to comprehend the working conditions of these musicians and the impacts on their income, the study engaged with existing research on the working conditions of musicians in Brazil. Through semi-structured interviews, the research sought to describe the emergency transition to music remote education. The participants' analysis accounts led to connections with the field of music education, strategies developed for conducting remote lessons, lessons learned, discussions about participatory digital culture, the expansion and creation of new teaching and learning music formats, and reflections on the prospects for musicians and music educators. Through this local perspective, the study aims to contribute to the broader field of music education, particularly in the context of the pandemic challenges.

Keywords: musician income; music teacher; remote music education; music education during the pandemic.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
1.1	Revisão de literatura	10
1.2	Metodologia	13
2	EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS MUSICAIS DE JOSÉ	16
2.1	A formação como Músico	16
2.2	Os primeiros trabalhos com a Música	17
2.3	A chegada da pandemia e a perda de rendimentos	20
2.4	Trabalho com apresentações artístico musicais a partir da pandemia	22
3	EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS MUSICAIS DE RAFAEL	25
3.1	A formação como Músico	25
3.2	Os primeiros trabalhos com a Música	25
3.3	A chegada da pandemia e a perda de rendimentos	26
3.4	Trabalho com apresentações artístico musicais a partir da pandemia	30
4	ARTICULAÇÃO ENTRE AS EXPERIÊNCIAS DOS ENTREVISTADOS	32
4.1	Processo de aprendizado do instrumento	32
4.2	Música e trabalho	34
4.3	O Trabalho com ensino de Música	36
4.4	A chegada da pandemia	37
4.5	Adaptações e aprendizados no processo de dar aula no formato remoto	39
4.6	As perspectivas de trabalho a partir do fim da pandemia	41
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	REFERÊNCIAS	46
	APÊNDICES	49
	Apêndice 1 - roteiro de entrevistas	49
	Apêndice 2 - termo de consentimento dos participantes	50

1 INTRODUÇÃO

Em função da pandemia de 2020/21, que levou ao fechamento de diversos locais de trabalho, os músicos, assim como várias outras classes, se viram em uma situação bastante difícil. A suspensão dos shows e o fechamento de outros locais de atuação, como estúdios e escolas especializadas de música, geraram um forte impacto na renda e na forma de trabalho destes profissionais.

Esta pesquisa analisou desafios e oportunidades vivenciadas por músicos profissionais com atuação em João Pessoa nesse contexto, e como o ensino de música se apresentou como opção de trabalho e renda para estes profissionais. Visou compreender os desafios enfrentados por estes profissionais para desempenharem atividades de ensino de música na modalidade de ensino remoto, os aprendizados e as perspectivas de trabalho a partir destas experiências vivenciadas.

Nesse cenário, a pesquisa trouxe algumas especificidades locais enfrentadas por estes profissionais durante a pandemia, descrevendo as atividades pedagógicas desenvolvidas para o ensino de música na modalidade de ensino remoto como alternativa de renda, o público envolvido e as estratégias utilizadas para essa atuação. Além disso, investigou se a formação e experiências prévias foram suficientes para o desenvolvimento destas atividades, se trouxeram algum tipo de ganho e facilidade e como os desafios enfrentados geraram aprendizados e perspectivas para as práticas de ensino de música.

Compreender os diversos aspectos que compõem a renda e campo de atuação dos músicos sempre foi um tema de meu interesse pessoal. Tenho experiência profissional com gestão de negócios na área de música e atuo como músico há mais de 25 anos. Como gestor, tenho formação em ciências econômicas e entendo que esta formação ampliou meu campo de atuação na área da música, pois pude aplicar ferramentas que agregaram valor aos trabalhos desenvolvidos.

Percebo que, atualmente, tem acontecido um crescimento acentuado nas reflexões sobre a condução da carreira e sobre diversas possibilidades de atuação para os músicos na cadeia produtiva da economia criativa.

Acredito que a ampliação destas reflexões deve ser sempre permeada por uma abordagem crítica, gerando maior apropriação e entendimento sobre as reais condições e possibilidades de atuação para os músicos. A compreensão das especificidades do campo de atuação é um importante elemento para a construção de melhores condições de trabalho.

Esta pesquisa analisou como alguns aspectos deste fenômeno ocorreram em João Pessoa e como o ensino da música se apresentou como alternativa na composição da renda dos profissionais pesquisados. Os aprendizados gerados e incorporados ao processo de ensino de música e as perspectivas de trabalho apresentadas podem, por meio das análises construídas nesta pesquisa, somar a este fenômeno tão amplo, trazendo contribuições para a área de educação musical.

Nesse contexto, o problema de pesquisa parte da seguinte questão: Como as atividades de ensino de música se apresentaram como alternativa de trabalho e renda para músicos que desempenhavam atividades profissionais em João Pessoa no momento da eclosão da pandemia?

Para responder aos questionamentos do problema, a investigação teve como objetivo geral: compreender como músicos profissionais que atuam em João Pessoa desenvolveram atividades educativas durante a pandemia como alternativa de renda. Os objetivos específicos foram: identificar os impactos da pandemia na renda dos músicos profissionais que atuavam em João Pessoa; descrever as atividades educativas desenvolvidas como alternativa de renda, quanto ao público, estratégias pedagógicas utilizadas, conhecimentos prévios necessários para essa atuação; analisar os desafios enfrentados pelos músicos profissionais de João Pessoa para atuarem como educadores na pandemia.

Em relação aos procedimentos metodológicos, a pesquisa foi de abordagem qualitativa baseada em entrevista, com a realização de entrevistas semiestruturadas. As entrevistas foram realizadas via Google Meet, gravadas e posteriormente transcritas. Os procedimentos éticos da pesquisa foram cumpridos, assegurando o anonimato dos entrevistados.

A investigação sobre o processo de formação profissional nos remeteu às discussões do campo da educação musical que analisam os processos de ensino e aprendizagem de instrumentos, abordagens sobre o ensino remoto de música, uso de tecnologias e atuação profissional.

Este trabalho está estruturado em quatro capítulos. No primeiro capítulo, que é a introdução, trago a apresentação da pesquisa, a problematização, a revisão de literatura e a metodologia. No segundo e terceiro capítulos, trago as práticas e experiências dos músicos entrevistados, sendo um capítulo separado para cada um. O quarto capítulo traz a articulação entre os dois entrevistados, a partir dos capítulos 2 e 3, discutindo as

interloquções com pesquisas e trabalhos da temática investigada. E por fim, as considerações finais.

1.1 Revisão de literatura

A revisão de literatura identificou autores que discutem as condições de trabalho dos músicos e abordagens sobre ensino de música na modalidade de ensino remoto a partir da pandemia de Covid-19. As pesquisas foram realizadas no site da Associação Brasileira de Educação Musical (Abem), no site da Associação de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (Anppom) e na internet de forma geral. Para este fim, utilizamos palavras-chave como: renda dos músicos, músicos na pandemia, aulas de música online, ensino remoto, ensino remoto na pandemia, entre outras.

Os trabalhos da pesquisadora Requião (2002; 2010; 2016, 2017; 2020) logo se mostraram como um eixo de fundamentação essencial, com vários artigos e outras citações referenciadas se interligando e complementando os objetivos da pesquisa em curso. Estes artigos fazem uma ampla abordagem sobre a trajetória das condições de trabalho dos músicos no Brasil.

Na dissertação intitulada *O Músico Professor* (Requião, 2002) a autora discorre sobre o perfil de formação do professor de música que atua em escolas alternativas de ensino especializado em música. Identificamos aqui uma importante interlocução teórica, a autora traça o perfil dos trabalhadores que conciliam atividades artístico-musicais e a função de professores de música, suas competências e condições de trabalho.

Na busca de investigar as condições de trabalho dos músicos no Brasil, o artigo *A morte (ou quase morte) do músico como um trabalhador autônomo e a ode ao empreendedorismo* (Requião, 2017) e o artigo *Mundo do trabalho e música no capitalismo tardio: entre o reinventar-se e o sair da caixa*, (Requião, 2020) discorrem sobre como os trabalhadores da música estão se moldando às condições de trabalho na atual fase de produção capitalista.

Como em Requião (2020):

Em relação à segunda metade do século XX, por exemplo, a horizontalização da indústria fonográfica com a crescente tendência em terceirizar os serviços, o incremento tecnológico que veio mudando de forma cada vez mais acelerada as formas de se produzir e consumir música, a informalidade e a precarização das relações de trabalho e o incentivo ao empreendedorismo foram algumas das características desse processo (Requião, 2020, p. 2).

Ainda na mesma direção, no artigo *A covid e seus efeitos na renda dos músicos* (Sandroni *et al.*, 2021) apresenta discussões sobre a pesquisa intitulado *EPIMúsica: o trabalho do músico durante a pandemia de Covid-19*, realizado nas cinco regiões brasileiras. Teve em vista identificar os impactos na renda dos músicos, nas condições de trabalho e na saúde mental destes trabalhadores. Como se deram os efeitos causados pelo distanciamento social e a suspensão de eventos, fechamento de locais de atuação, como escolas de música e estúdios. O artigo se orientou teoricamente a partir de outras pesquisas que tratam da temática sobre as condições de trabalho dos músicos e identificou que muitos dos impactos sofridos na renda pelos músicos durante a pandemia são reflexos de um processo de deterioração das condições de trabalho em curso.

As pesquisas encontradas apontam para a necessidade de melhor compreender o mundo do trabalho do músico, suas especificidades e perspectivas de atuação profissional. Os trabalhos relatados nesta revisão mostram uma sistematização com amostragens detalhadas, gerando dados consistentes, se apresentando como um campo de grande interesse para a área de música e consequentemente a educação musical.

Considerando a temática da presente pesquisa, identificamos artigos que abordam desafios vivenciados pelos educadores musicais no ensino de música na modalidade remota partir da pandemia. Os processos de adaptação e aprendizados gerados pela experiência vivenciada. O desenvolvimento dos métodos de trabalho frente a necessidade de proposição de alternativas de ensino sem as condições ideais. A baixa qualidade de sinal de internet, a apropriação das ferramentas e habilidades para a realização das aulas, os contextos socioeconômicos gerando exclusões, são elementos que ilustram alguns dos desafios enfrentados. Analisamos, ainda, os legados deixados pelo processo, sinalizando que estas ferramentas e o ensino remoto de música estão em franco crescimento.

O autor Barros (2020), traz vários apontamentos sobre este processo, analisando dificuldades enfrentadas e alternativas propostas ao processo de ensino de música. Discute elementos conceituais sobre o ensino remoto emergencial com especificidades para o ensino de música e aprendizados e validação de práticas relativas à cultura participativa. O autor aborda também as limitações e exclusões geradas pelas diversas situações socioeconômicas no Brasil e como a nova realidade trazida pela pandemia amplificou estas exclusões. Ele discute, ainda, os processos de adaptação utilizados no ensino de música em um cenário de incertezas.

As discussões sobre o tema são abordadas também no artigo: *Educação Musical e Tecnologia: Reflexos de uma aproximação acelerada pela pandemia*, onde Bezerra (2021), realiza um levantamento bibliográfico com o mapeamento de textos publicados no ano de 2020 na Revista da Abem, nos Anais da Anppom e nos Anais do Encontro Unificado da Abem. Em sua pesquisa de mestrado analisa como a educação musical se relacionou com as tecnologias durante a pandemia do Covid-19. Propõe reflexões sobre como o avanço das tecnologias, intensificadas a cada dia, se relacionam com os processos de educação musical e demais atividades sociais. Realiza um mapeamento das publicações sobre o ensino remoto na educação básica, aulas remotas de instrumento musical, recursos tecnológicos para aulas de música e aulas de música para crianças. Aponta para a necessidade de aprofundamento de mais pesquisas que avaliem os processos pedagógicos.

Realizou-se também interlocução com Vasconcelos (2021) a partir do artigo “Educação Musical, Tecnologia e Pandemia: reinvenções, resistências e criações” que analisa atividades pedagógicas que professores de música desenvolveram em suas aulas durante a pandemia. O autor desenvolve reflexões teóricas, assim como Barros (2020), sobre a diferenciação de metodologias de ensino remoto e de ensino remoto em contexto emergencial, retratando processos de adaptação e aprendizados no de ensino de instrumentos. Investiga, ainda, os processos e metodologias utilizadas pelos professores de música, as dificuldades enfrentadas, aspectos positivos e aprendizados ocorridos no processo.

Na mesma direção, o ensaio produzido por Barros e Beltrame (2022) retoma discussões teóricas trazidas por Barros (2020) e extrai novas proposições, refletindo sobre os aprendizados trazidos durante o período da pandemia. Os autores dialogam com as reflexões sobre como aconteceram as relações de ensino aprendizagem em caráter de ensino remoto emergencial, ressignificando o espaço de sala de aula. Dentre outros aspectos, a interlocução elucida relatos trazidos sobre como se dão as percepções sobre tempo e espaço no ensino remoto, como as atividades síncronas e assíncronas geraram novas possibilidades para o fazer musical. O artigo ressalta os aspectos da cultura digital participativa, que durante o período da pandemia de covid-19 cresceu acentuadamente, possibilitando a expansão e criação de novos formatos de se ensinar e aprender música. Os fenômenos relativos sobre a apropriação e entendimento das possibilidades do espaço digital, suas especificidades e possibilidades, dialogam com os relatos dos entrevistados desta pesquisa.

Os artigos selecionados para esta revisão trazem diferentes discussões e reflexões sobre o processo de superação e enfrentamento vivenciados em diferentes contextos de ensino de música. Processos estes que aconteceram remotamente e de forma emergencial. Discutem

como aconteceram as iniciativas na busca alternativas, evidenciando um despreparo prévio para a utilização das tecnologias como possibilidade de ferramenta para o ensino de música. Os artigos trazem reflexões sobre os possíveis aprendizados e perspectivas ocorridos a partir do enfrentamento da pandemia.

A presente pesquisa se pautou em dois eixos teóricos, buscando compreender aspectos do trabalho do músico, em concomitância com aspectos desta atuação profissional, voltados para o ensino de música. Ressalta, desta maneira, a preocupação da Educação Musical em compreender esses fenômenos.

Desse modo, os autores citados apresentam o caminho norteador desta pesquisa. Os textos abordados, possibilitaram, ainda, ampliar a compreensão de como se constrói o perfil de atuação dos profissionais que desenvolvem atividades artístico musicais e que também atuam como professores de música. Com foco na realidade local de João Pessoa, visou compreender como o ensino remoto emergencial se fez presente na atuação destes profissionais durante a pandemia covid-19. Pretende, portanto, se somar à literatura aqui proposta.

1.2 Metodologia

A abordagem metodológica utilizada foi de caráter qualitativo, tendo em vista que o objetivo desta pesquisa foi compreender como músicos profissionais que atuavam em João Pessoa desenvolveram atividades educativas na modalidade de ensino remoto, como alternativa de recomposição da renda, a partir do advento da pandemia. Desta maneira, casos e experiências locais foram analisados, sem a pretensão de apresentar resultados generalizáveis, como é próprio da abordagem qualitativa, e que os resultados sirvam de parâmetro para o aprofundamento de outras pesquisas.

Foram escolhidos músicos profissionais de João Pessoa, que tinham experiência no ensino de música em escolas especializadas e que passaram a ensinar na modalidade remota a partir da pandemia. Para melhor categorizá-los como músicos profissionais, os entrevistados deveriam ter, até o advento da pandemia, a música como principal componente da renda. Essa escolha se fez importante porque é comum a concomitância de realização de atividades de trabalho conciliadas com outros trabalhos fora do campo de atuação da música.

Os participantes da pesquisa foram inicialmente convidados pelas mídias sociais, das quais participavam profissionais e professores do curso de música da UFPB. Em um

primeiro momento, os convites para participação na pesquisa foram realizados de forma ampla e não foram atendidos. Em um segundo momento, foram identificados possíveis colaboradores que apresentavam o perfil a ser pesquisado. Dois participantes específicos foram diretamente convidados e aceitaram participar por acreditarem que se encaixavam no perfil a ser pesquisado e que poderiam colaborar. Logo em seguida foram entrevistados.

Foram realizadas duas entrevistas semiestruturadas. Nas entrevistas, foi utilizado um roteiro com tópicos temáticos (Apêndice 1), elaborado pelos pesquisadores, aplicado de forma flexível, como aponta Penna (2015, p. 139).

Como afirmam Fraser e Gondim (2004) sobre o uso de entrevistas na pesquisa qualitativa, buscou-se acessar a experiência desses profissionais por meio de seus discursos, evidenciando a maneira singular em que a perceberam.

Em outras palavras, a forma específica de conversação que se estabelece em uma entrevista para fins de pesquisa favorece o acesso direto ou indireto às opiniões, às crenças, aos valores e aos significados que as pessoas atribuem a si, aos outros e ao mundo circundante (Fraser, Gondim, 2004, p. 140).

As entrevistas foram realizadas de forma remota, usando a plataforma Google Meet, em março de 2022. Os detalhes sobre as entrevistas podem ser vistos no Quadro 1. Os nomes que aparecem no quadro são fictícios, resguardando a identidade de cada entrevistado.

Tabela 1 - Dados sobre as entrevistas

Entrevistado	Duração	Data	Recurso
José	1h20min	20/03/2022	Google Meet
Rafael	1h18min	28/03/2022	Google Meet

Fonte: o autor

A primeira entrevista foi agendada logo após o contato. O entrevistado se mostrou disponível para colaborar por entender que se encaixava no perfil e que viveu experiências que poderiam contribuir com a pesquisa. O entrevistado se encontrava em fase final de recuperação de infecção pela Covid e como estava isolado poderia realizar a entrevista remotamente e antes de voltar às atividades de trabalho.

A segunda entrevista foi agendada para a semana seguinte ao contato. O entrevistado se mostrou disponível e disposto a colaborar. Ofereceu para realizar a entrevista na modalidade presencial ou remota. Escolhi realizar a entrevista na modalidade

remota em função da facilidade para o processo de gravação e agendamento nas datas disponíveis.

Todas as entrevistas foram gravadas pelo próprio Google Meet e posteriormente transcritas. Na transcrição foi utilizada a ortografia padrão sem a necessidade de que todos os marcadores conversacionais fossem transcritos. Foi utilizado o software Soundtrap, cuja transcrição robótica foi corrigida em erros de sintaxe e grafia.

Com relação aos procedimentos éticos, foram enviados os Termos de consentimento via Google Forms (ver Apêndice 2) para os participantes manifestarem seu consentimento para participar da pesquisa. Inclusive os nomes fictícios foram sugeridos por eles em resposta ao formulário.

No que se refere ao processo de categorização e análise dos dados provenientes das entrevistas, optou-se por apresentar os principais aspectos trazidos por cada um separadamente, seguindo os tópicos delineados pela entrevista semiestruturada e gerados a partir da leitura das transcrições, criando assim categorias temáticas. A seguir, foi feito o terceiro capítulo (cap. 4) que realiza articulação entre os casos, abordando aspectos que se transversalizaram e se somam às discussões.

2 EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS MUSICAIS DE JOSÉ

2.1 A formação como Músico

José é músico multi-instrumentista e tem na guitarra o seu instrumento de ofício profissional. Suas lembranças da infância são permeadas por estar sempre brincando e tocando um instrumento. Conforme seus primeiros relatos: “desde que eu me entendo como gente, estou tocando algum instrumento, brincando, cantando. A música sempre esteve presente na minha vida” (José, entrevista, 20 mar 2022). Além da guitarra, dentre outros instrumentos, toca baixo, teclado e já tocou baixo acústico. Considera um privilégio ter cursado o ensino médio no curso técnico integrado do IFPB¹.

No período final do curso técnico passou por um momento difícil em sua vida. O falecimento de seu pai, que era um grande incentivador de seus projetos com a música. Neste período ponderou desistir de continuar tocando. Foi o vínculo criado com um dos professores que o fez continuar e deu forças para superar o momento difícil. Este vínculo o levou a estudar baixo acústico com grande interesse e envolvimento, fatores que possibilitaram ingressar no bacharelado e na Orquestra Jovem². Em suas palavras: “foi o momento de entender o quanto a música sempre foi uma tônica na minha vida. Essa palavra é boa, tônica, né? E que talvez ali fosse a forma de eu me segurar em alguma coisa. E talvez, não desistir, por entender o quanto aquilo era potente dentro de mim” (José, entrevista, 20 mar 2022).

Nos primeiros meses no bacharelado com habilitação em Baixo Acústico, José passou por um período intenso de estudos e na Orquestra havia sido contemplado com bolsa de estudos. Logo em seguida a esse período inicial, começou a perceber que não estava se adaptando ao sistema de ensino do bacharelado. “Eu me vi num lugar onde estavam criando muros para a minha criatividade. Para minha imaginação, para as possibilidades que eu tinha a oferecer” (José, entrevista, 20 mar 2022). A partir de uma interferência direta de um de seus professores que o repreendeu por estar dançando durante a execução e deveria parar de tocar outros instrumentos se quisesse seguir com os estudos de baixo acústico, José percebeu que deveria fazer escolhas e tomar decisões importantes.

¹ Curso Técnico Integrado em Instrumento Musical na unidade de João Pessoa

² Orquestra Sinfônica Jovem da Paraíba

E aí isso me pegou. Como assim? Deixar de tocar guitarra, que é uma coisa que faço feliz, brinco, curto, dou risada, danço. Passo emoção para quem está assistindo, me escutando. Eu fecho o olho, dou uma solada na pentatônica de duas notas, mas que eu acesso coisa dentro de mim, muito profundo. Não, isso tem alguma coisa errada, não sabia dizer exatamente o que era, mas tem alguma coisa errada aqui (José, entrevista, 20 mar 2022).

Assim, José acabou abandonando o curso de bacharelado. Embora considere que tenha sido uma decisão difícil e, ao mesmo tempo, muito importante em sua vida, essa decisão possibilitou a intensificação de trabalhos com bandas e outras experiências profissionais

2.2 Os primeiros trabalhos com a Música

Seus primeiros trabalhos com a música ocorreram logo depois que desistiu do bacharelado. Realizou trabalhos que geraram aprendizados e remuneração. Uma de suas bandas fazia releituras de clássicos da MPB. José acredita que intensificar estes trabalhos gerou experiências de aprendizado de *performance* em palco e de fazer música em conjunto: “foi uma grande experiência e a primeira grande escola de bandas. Não a primeira banda, mas a primeira que pude ir para os lugares tocar e ganhar um cachê” (José, entrevista, 20 mar 2022).

Logo em seguida, montou um estúdio de gravação e ensaio com os amigos de banda e vivenciou uma série de experiências profissionais. Fez investimentos e se endividou, mas considera que valeu a pena. Segundo seus relatos, se endividou, mas teve acesso a um local de ensaio com bons equipamentos. Nas suas palavras: “foi muito importante para a minha formação, porque desde o início, eu sabia que a gente não ia ter algum lucro exatamente, mas a gente ia ter um espaço que a gente podia tocar em qualquer momento”. Desses ensaios nasceu sua banda atual, que hoje se apresenta consolidada na cena de música da Paraíba.

José, considera ainda, que o estúdio possibilitou que ele tecesse uma rede de relacionamentos com os músicos da cidade e que estes contatos abriram várias portas de atuação profissional para ele.

José acredita que a maioria destas experiências vividas só aconteceram porque estava fora da academia. Considera que ter o espaço com livre acesso aos instrumentos, sem limitação de tempo para uso e horário, permitiram uma intensificação e aprimoramento da sua formação musical de uma forma ampla.

como eu deixava minha guitarra lá para qualquer um dos meninos pegar, eu tinha um baixo disponível, sempre que eu quisesse com amplificador ali para botar no talo e

tocar de meio-dia ou de manhã, sei lá, qualquer hora e tinha uma bateria lá também para assentar, estourar ela em qualquer momento, de madrugada. A gente podia ensaiar a qualquer hora do dia, quantas horas quisesse, sem um despertador, assim, para opa, acabou. Qualquer momento do dia, então a gente virava a noite ensaiando, assim, do último ensaio de outras bandas até, sei lá, 10 horas da noite até meia-noite e a gente começar a ensaiar depois, pra sair de manhã para tomar café da manhã em uma padaria (José, entrevista, 20 mar 2022).

Em seguida, o estúdio foi fechado. Depois de dois anos e meio de funcionamento, o mesmo se mostrou inviável diante do momento que os proprietários viviam, mas José continuou realizando trabalhos de gravação e produção musical. Trabalhou em campanhas políticas produzindo *jingles*, o que considera ter sido outra escola: “eu tive mais responsabilidades, de mixar, masterizar, de compor, arranjar para amanhã. Tem 24 horas para fazer. O candidato é tal e o número é tal” (José, entrevista, 20 mar 2022).

Na entrevista ele deixa claro o quanto as demandas de trabalho exigiram desdobramentos e novos aprendizados. E quanto aos aprendizados, considera a importância de aprender fazendo, tendo a possibilidade de errar e acertar.

Os trabalhos com as gravações para campanhas políticas geraram rendimentos. Considera que estes trabalhos foram muito significativos financeiramente, embora já viesse recebendo cachês com as apresentações musicais. “Trabalhei com música e ganhei uma grana massa. Legal, deu para ficar alguns meses muito suaves e comprar outras coisas que desencadearam outras” (José, entrevista, 20 mar 2022).

Ressalta ainda que foi um período desgastante com trabalho: “No entanto, é isso, sempre foi muito puxado conseguir essa grana tirando da música mesmo. Esse retorno sempre foi muito puxado” (José, entrevista, 20 mar 2022).

Em relação ao trabalho com ensino de música, José aponta que teve sempre a pretensão de exercer várias funções na música. Até começar seus trabalhos como professor de música, José considerava que dar aula de música era uma função de enorme responsabilidade. Em suas palavras: “Mas só tem uma coisa que eu não assumo o risco, que é ser professor. Colocava isso porque, de certa forma, imaginava que ser professor era algo que precisava de muita responsabilidade e que é de fato” (José, entrevista, 20 mar 2022).

Um amigo que trabalhava em uma escola especializada de música precisou fazer um curso e deveria indicar alguém para substituí-lo. Ao receber o convite, José aceitou o desafio e, em seguida, acabou sendo contratado. Relata que viveu experiências ricas nesta escola. “Eu fiz substituir esse professor e, tipo, fui às cegas. Para ver o que acontecia. Sim, vamos lá. E aí eu tive muitas experiências muito incríveis, sabe” (José, entrevista, 20 mar 2022). Relata que

viu muitos de seus alunos se desenvolverem e utilizou práticas de ensino a partir de suas vivências. José explica sobre esse processo:

[...] quando eu falo de desenvolver, não é sobre fazer uma escala rápido. É sobre isso, soltar o corpo, é sobre se expressar de alguma forma para além do violão. Que fui para dar aula de violão, mas eu sempre compreendi a educação musical, aula de música como algo que fosse para abrir o corpo, abrir as possibilidades, expressão, para além de acertar as notas (José, entrevista, 20 mar 2022).

Neste sentido, passou a se sentir muito feliz e realizado dando aulas de música.

Pude viver coisas incríveis mesmo, que eu tenho muito orgulho, sou muito feliz, muito grato pela experiência. E minha cabeça desde então explodiu, com essa experiência. Porque era algo que eu dizia assim, nossa, eu não quero assumir o risco de ser professor (José, entrevista, 20 mar 2022).

Nessas falas de José é possível perceber a importância do aprender fazendo. Foi a partir do desafio de substituir um professor que ele acabou percebendo dentro dele a predisposição para o ensino de música, ou seja, para ser professor de música.

Essa oportunidade de trabalho na escola especializada em música foi recebida por José como uma possibilidade, logo que ele vivia um momento de instabilidade financeira: “nesses momentos, de altos e baixos de dinheiro, não é? Surgiu uma oportunidade de substituir um professor de música” (José, entrevista, 20 mar 2022).

Logo em seguida percebeu que a função de professor de música trazia uma certa estabilidade financeira. Em suas palavras: “Chegou um momento que por causa da grana, diz, olha, ser professor talvez seja o caminho mais fácil. O que apareceu, e vou lá fazer esses cachês” (José, entrevista, 20 mar 2022).

Com o tempo percebeu que estava gostando de exercer a função de professor de música e que teve sempre em vista aplicar sua sensibilidade na condução das aulas. Mais tarde passou a se sentir incomodado com as limitações didáticas impostas pela escola, inclusive começou a viver conflitos com a direção da escola por ser um professor que experimentava e gostava de expandir suas ações para além do método utilizado e comercializado pela escola.

Na sua visão, um aluno só pode se desenvolver ao se projetar no que faz. Que é muito difícil um professor ensinar um aluno sem interesse. “A gente se projeta no aprendizado, né? E isso mexeu muito com a minha cabeça. De refletir muito, tipo, nossa, caramba, eu tô pensando muito sobre isso. Eu preciso encontrar outras pessoas que falem sobre isso, porque a

minha cabeça está explodindo com essas informações” (José, entrevista, 20 mar 2022). Esse conflito com a direção da escola e as reflexões tiveram um ponto de inflexão importante. Em uma reunião de avaliação, José relata que disse à direção sobre a importância dos alunos “criarem asas” e que obteve como retorno que era importante “cortar as asas” para que o aluno não se sentisse livre para fazer qualquer coisa. Tal cena se conectou com o que ele viveu durante o curso do bacharelado:

E minha cabeça explodiu de reflexões, de entender o que passei no curso, não entender exatamente, mas gerar questões. Nossa, o que aconteceu ali no curso de música no bacharelado, porque o professor quis me tirar a dança. E quis me tirar a guitarra. Só que eu enxergo de outra forma. Eu quero colocar a dança, eu quero colocar as possibilidades (José, entrevista, 20 mar 2022).

E assim, ele percebeu que viver experiências como professor de música o transformaram como ser humano. Tanto a experiência como aluno do bacharelado, quanto professor de uma escola com metodologias mais tecnicistas, destoavam da sua própria concepção de ensino de música. Tal situação o fez perceber que deveria fazer o vestibular de licenciatura em música para tentar encontrar respostas e poder dialogar sobre educação musical de forma mais ampla.

2.3 A chegada da pandemia e a perda de rendimentos

No momento da chegada da pandemia em março de 2020, José estava em bom momento profissional. Estava insatisfeito com os conflitos vividos na escola de música, mas compreendia a importância dos rendimentos gerados. “Olha, naquele momento ali, tava um bom momento. Porque eu estava dando aula na escola, apesar de estar achando um saco e às vezes ficar puto, mas era importante para ter uma renda X ali para no final do mês, que eu sabia que no final do mês aquilo ali estava garantido” (José, entrevista, 20 mar 2022). Além das atividades de ensino, ele estava tocando com frequência e vinha tendo uma regularidade nos rendimentos e bastante satisfeito: “que delícia, estava muito bom. A realidade hoje tá bem diferente. Está bem menos. A realidade pré-pandemia era assim, dar aula na escola e ter esses shows que geravam esse valor”.

José continuou dando aulas pela escola até junho de 2020 na modalidade de ensino remoto. Naquele momento, a escola trocou de direção e ele foi dispensado. “Um lado de mim ficou: ah que delícia, já estava querendo sair dessa porcaria. O outro lado ficou: putz, estou no meio de uma pandemia, e agora? Então deu uma quebrada real, foi uma quebrada muito

punk.” Sua fala ressalta a difícil realidade que se apresentou. A perda de rendimentos aponta também para as precárias condições de trabalho, quando não está amparado na legislação trabalhista.

Logo em seguida deu aulas particulares na modalidade remota. A partir deste momento, seus rendimentos se limitaram aos alunos particulares para os quais deu aulas na modalidade remota. “porque não tinha como tocar, eu saí da escola e eu tinha esses alunos particulares” (José, entrevista, 20 mar 2022).

Com os rendimentos escassos, teve que adequar o seu orçamento e viveu momentos difíceis. Porém, José considera, em seus depoimentos, ter sorte por ter uma família que o apoia e que tem condições de ajudá-lo minimamente financeiramente.

José relata que os sete primeiros meses foram de completo aprendizado. Que não sabia muito bem como lidar com as ferramentas. “Foi um aprendizado total, que ninguém entendia muito bem como lidar com uma ferramenta. Com a dinâmica de não poder tocar junto, o como explorar isso” (José, entrevista, 20 mar 2022).

Teve que aprender a lidar com a baixa qualidade dos equipamentos e que ao longo do processo foi se adequando à nova realidade e que para exercer suas atividades profissionais nesta modalidade online precisaria de recursos mais apropriados.

No primeiro momento, eu tive muitas complicações, porque a internet que eu tinha não era tão legal. Minha internet não chegava muito bem no meu quarto, então não conseguia dar aula no meu quarto. Eu tenho que ir para a sala e aí já tinha a família por perto. E eu ficava incomodadíssimo, achava bizarria. Péssima a situação. Você não tem o controle, isso é uma coisa que ficou assim, opa, tá, a gente não tem um controle de tudo. É isso. Foi muito complicado entender as possibilidades, não é? Mas chegou um momento que, nesse processo, a gente aprende, não é? E eu boto fé que ali, depois de uns sete meses. Chegou o momento de acolher melhor a situação e trazer mais naturalizado. Entender, espera aí, temos isso aqui, vamos entender a melhor forma de usar essa ferramenta sem sofrer tanto. Pelo passado, assim como foi, né? E aí, nesse meio tempo, mudou a internet, eu consegui trazer um roteador para o meu quarto, consegui comprar uma Câmera. É, visualizei que com minha interface, eu podia ligar o microfone e agora estou falando no meu microfone aqui ó, que dá uma qualidade melhor, então. A gente acha, dentro das possibilidades, como tecnicamente você pode entregar uma melhor experiência, né? (José, entrevista, 20 mar 2022).

José considera que no processo de aprendizado de música, professor e aluno aprendem juntos. Ressalta que no contexto de ensino remoto, algumas práticas presenciais relativas à música são insubstituíveis, mas considera que o ensino remoto trouxe aprendizados e práticas que vieram para ficar.

Entende que pôde perceber a evolução de seus alunos e que aprendeu novas ferramentas de ensino e que adaptou outras. Sobre a experiência com um de seus alunos:

Foi incrível como ele cresceu e sempre explorando, falando muito e conversando muito. A gente compôs músicas, ele criou músicas, ele compôs música, gravou videozinho com os pais, botou no canal do YouTube. Ele me mostrou a música. Eu eita, que massa, vamos trabalhar essa música? Abri o Word e muitas vezes uma aula de um hora a gente ficava dez minutos no violão (José, entrevista, 20 mar 2022).

Relata que trabalhou com seus alunos atividades como organização do repertório, práticas de estudo e de organização da vida musical. Entende que são exemplos de atividades que vieram para ficar e serão mantidas nos diversos contextos de atuação profissional daqui para a frente.

Para outros perfis de alunos, José acredita que as plataformas não dão conta de suprir requisitos que considera essenciais nas aulas de música. “A relação humana. Sabe, a possibilidade de você olhar, e dizer o fulano: assim, conta aí tua história, fala. Fulano falar. Você pegar e dizer: chega aí. E botar o amplificador no talo para ele sentir o som e a relação humana acontecendo e você poder tirar o som” (José, entrevista, 20 mar 2022).

2.4 Trabalho com apresentações artístico musicais a partir da pandemia

Quando reflete sobre seu futuro profissional, José ressalta que planeja continuar dando aulas e acredita que as aulas na modalidade remota irão continuar. Destaca que a modalidade tem vantagens e desvantagens, como, por exemplo, reforçar as desigualdades provenientes da falta de acesso às tecnologias:

É que as aulas online não são absorvidas da mesma forma para todo o mundo. Em que sentido, nem todo mundo tem acesso às mesmas ferramentas. Eu posso falar isso que tem alguns pontos muito positivos, mas para mim é fácil porque eu consegui trazer, mudar a internet, puxar um roteador para cá. Tem uma câmera legal aqui. Eu tenho um computador que tem uma tela. Mas o aluno que assistir à aula pelo celular já é uma outra experiência e isso não é massa. Né? Isso não é legal (José, entrevista, 20 mar 2022).

Quanto aos aspectos positivos, ressalta a possibilidade de não ter que se deslocar para algumas aulas, fator que interfere diretamente na qualidade de vida, redução de custos e tempo, proporcionando ainda benefícios ao meio ambiente. José acredita também que algumas aulas poderão acontecer com uma combinação das modalidades, remotas e presenciais, agregando os benefícios de cada uma delas.

Refletindo sobre as adaptações na forma de trabalho como professor de música, José entende que as plataformas de ensino de música, que passaram por um enorme crescimento durante a pandemia, trazem especificidades que podem agregar conteúdos de forma bastante proveitosa para alguns alunos. Especificamente para aqueles que já têm alguma bagagem de conhecimento e que carecem de aprender conteúdos específicos. Quando reflete sobre o futuro enquanto músico profissional que atua na cena musical de João Pessoa, ressalta a importância da Lei Aldir Blanc (Brasil, 2020) durante a pandemia e ressalta a necessidade de continuação desta. Para ele foi essencial, gerou trabalho e rendimentos durante a pandemia. “Então, tipo assim, foram projetos que salvaram esses 6 primeiros meses do ano, sabe, tipo, tem muito trabalho pela frente aí para fazer. Mas, meu amigo, deu uma livrada que, era quase assim, meu amigo, eu espero que passe porque se não passar vai ser pau” (José, entrevista, 20 mar 2022).

José aponta o quanto é difícil gravar e trabalhar com música autoral em João Pessoa. Lembra ainda a importância das políticas de fomento para a economia criativa.

Deveria rolar todo o ano isso. Para que essa máquina criativa, cultural, siga girando, né? Com uma certa facilidade [...] Não é fácil gravar um disco. Não é fácil sair ali para tocar na esquina, não é fácil, porque a gente gasta para chegar lá, contando com a bilheteria que você não sabe quanto vai dar, às vezes você volta só com . . . né? Assim, não é fácil. Então, a lei de incentivo, excelente, incrível (José, entrevista, 20 mar 2022).

Refletindo sobre as perspectivas de trabalho, José deixa claro sua percepção sobre o quanto é difícil trabalhar com a música e a arte em geral. Ressalta que pensa bastante sobre o assunto: “Como é que eu posso me estabilizar, que é uma coisa que eu busco todo dia, todo dia, como é que eu posso tornar esse lance da grana algo menos sofrido na vida”(José, entrevista, 20 mar 2022).

Na sua perspectiva, tem tentado pensar no presente e estar em várias frentes de trabalho, demonstra ter compreensão das dificuldades financeiras e aponta para a perspectiva do ensino de música como uma área de trabalho que possibilite a continuidade dos trabalhos com música.

Então, se tiver a chance de dar aula, eu vou dar aula. Se tiver a chance de tocar, vou tocar. Se tiver a chance de produzir um disco, vou produzir um disco. Se tiver a chance de fazer o som para algum grupo, vou fazer o som para algum grupo. E é isso, é difícil, bicho. Talvez essa possibilidade de estar dentro de um curso, estudando e se formar e, de repente, seguir em frente com isso, possibilite, que mais na frente, abram outras portas para que isso mude, de certa forma, mas no presente é isso. Assim, é difícil. Não é fácil, não (José, entrevista, 20 mar 2022).

Por fim, José termina falando de sua forte conexão com a arte. “A arte para mim é a coisa maior de tudo. Faço música, mas gosto de explorar tudo, o riscar, o desenhar, a palavra, a poesia, a dança, o movimento do corpo, a música, a fotografia, a imagem. Isso para mim, é essencial” (José, entrevista, 20 mar 2022). E reafirma que a tecnologia pode ser um elemento que contribua com nosso fazer artístico, sendo uma ferramenta a mais. “Porque a arte na verdade está no nosso corpo, não é? É o nosso corpo. Não é na guitarra, nem no computador, nem no pedal, nem nada. É no nosso corpo” (José, entrevista, 20 mar 2022).

3 EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS MUSICAIS DE RAFAEL

3.1 A formação como Músico

Rafael iniciou seu processo de aprendizado musical em 2002 na igreja que frequentava. Tocava violão, teclado e baixo elétrico. Nos seis primeiros anos, foi aprendendo sem fazer aulas de música, sempre contando com dicas de amigos e estudando sozinho, “nunca tinha tido uma oportunidade de estudar o instrumento, fosse ele qual fosse. Sempre era o cara da outra rua ali, que toca um pouco melhor, me mostrava uma coisa, o cara ali da escola” (Rafael, entrevista, 28 mar 2022).

Naquele momento, ainda não ponderava trabalhar com música. Tinha uma percepção de que trabalhar com música significava trabalhar muito, com pouca remuneração, sendo ainda, sem boas perspectivas de futuro para ele. Nas suas palavras: “Eu não queria trabalhar com música. Era uma coisa que, para mim, sempre era: dá muito trabalho, paga mal e era sem futuro” (Rafael, entrevista, 28 mar 2022). Ainda nesta fase de sua vida, tocava voluntariamente, mas já percebia sua evolução técnica.

3.2 Os primeiros trabalhos com a Música

Com o seu desenvolvimento técnico e com o envolvimento nas apresentações na Igreja, começou a receber convites para tocar em casamentos e a ter suas primeiras experiências com trabalhos remunerados com a música. Acompanhava cantoras e estes trabalhos exigiram dele uma maior dedicação ao aprendizado do instrumento, considera que essa experiência foi importante para o seu desenvolvimento como músico.

Rafael trabalhou como secretário em uma escola especializada em música. Já havia trabalhado em uma escola de ensino fundamental desempenhando a mesma função e como gostava de tocar, acreditou que seria uma boa oportunidade. Logo em seguida, deu aulas de música nesta escola. Rafael tinha experiência como professor de inglês, porém este foi seu primeiro trabalho como professor de música. “Então, eu trabalhava de manhã, a tarde e a partir das cinco da tarde eu dava aula de música. Eu morava na escola, era muito doido, mas foi o primeiro contato com aulas de música que tive” (Rafael, entrevista, 28 mar 2022).

Considera que foi um período de muito trabalho e aprendizado, que deu a ele condições de se desenvolver como professor de música e como músico. Trabalhou nesta escola por dois anos até que veio a pandemia em março de 2020.

3.3 A chegada da pandemia e a perda de rendimentos

Com a chegada da pandemia, Rafael relata que não tinha o exato dimensionamento do que estava por vir: “*a priori*, a pandemia era: a gente vai passar 15 dias em casa, todo mundo ficar em casa, vai ser de boa, aí a gente suspende as aulas dos alunos e quando eles voltarem a gente repõe” (Rafael, entrevista, 28 mar 2022). Logo em seguida, após um mês, a partir de uma reunião onde os professores expuseram sua angústia e preocupação, a escola se prontificou a dar aulas *online* no sistema remoto.

Mesmo sem experiência ou preparação prévia, começou o processo de aulas remotas. Rafael relata que foi adaptando suas práticas e que foi um momento bastante difícil:

Sabe a posição do cotovelo do aluno que tu tem que corrigir para ele montar aquele acorde, não tem como porque tu vê aquele quadrado pequeno e tu não enxerga o aluno. Então era muito assim, professor, como é que eu vou imprimir o exercício se aqui na minha casa não tem impressora e o senhor não está na escola para me dar o papel? Então, [...] comprei um quadro. Escrevia no quadro, tirava uma foto, mandava para o aluno, ele olhava no celular. Tudo muito rudimentar. Mas foi ali o começo. Estava todo mundo se acostumando ao remoto ainda. A gente não tinha aquela vivência de abrir o Meet, e compartilhar a tela e fone de ouvido (Rafael, entrevista, 28 mar 2022).

A escola de música na qual Rafael trabalhava continuou neste sistema de trabalho por seis meses. Em seguida, encerrou as atividades. Passou o contato dos alunos para os professores, dizendo aos professores para tentarem contato e seguirem dando aula particular.

Estes acontecimentos expõem as precárias condições de trabalho às quais os músicos estão comumente submetidos. O trabalho informal, sem o amparo da legislação trabalhista, é uma realidade recorrente para o professor de música.

Françoise Benhamou (2007, p. 23) observa que a administração dos riscos, própria da atividade artística, faz com que este tipo de trabalho reúna três características essenciais: descontinuidade, perspectivas incertas e variações de remuneração. Segundo Requião, para muitos músicos, o empreendedorismo é uma saída para a instabilidade inerente à profissão, ou decorre do fato de o músico estar se tornando “refém” do mercado, ou mesmo pela natureza jurídica dos contratos, firmados no momento em que um músico fecha alguma proposta de

trabalho, bem como por eventuais necessidades de financiamentos que demandem a constituição de pessoa jurídica (Requião, 2016).

No que se refere à metodologia no formato remoto, Rafael relata que o processo de trabalho que desenvolveu foi, em um primeiro momento, de adaptações do sistema presencial para o remoto e de superação das adversidades impostas pelas limitações tecnológicas do equipamento.

Eu tinha um quadro, eu comprei um. Trouxe para casa um quadro, está até guardado aí. É, botava ele aqui assim. Mas se a internet, a conexão, não estivesse perfeita, o meu aluno não conseguia enxergar o que estava no quadro, porque a resolução fica meio embaçada, a letra sumia e tal. E violão, guitarra, é aquilo, você tem que enxergar que o dedo 2 está na segunda casa da corda 5, e quando a internet dava uma embaçada, o aluno dizia: professor, não estou vendo. Sabe, então era muito assim, o que deu para adaptar, a gente adaptou (Rafael, entrevista, 28 mar 2022).

Dentre os desafios de dar aula de música pandemia, Rafael faz vários relatos sobre os aspectos relacionados ao desgaste físico e mental. Com o passar do tempo utilizou estratégias como a de revesar a utilização dos ambientes da casa e o uso de roupas diversificadas para cada situação.

Então eu tinha aula um dia aqui, outro dia no quarto, outro dia no terraço. Por exemplo, no começo da pandemia, eu vestia uma calça para dar aula, tomava banho e vestia uma calça. Porque eu achava que eu estar de roupa de casa, assim, bermuda e descalço e tal, me deixava meio sonolento. Aí, eu não, não, eu vou fazer como se eu tivesse indo para a escola. Eu tomava um banho, eu vestia uma roupa e eu dava aula, isso me deixava mais dentro. Como se fosse assim, me deixava mais, pô, beleza, rolou, sabe? Depois eu fui entendendo os meus métodos de fazer (Rafael, entrevista, 28 mar 2022).

Outro aspecto que ressaltou foi o cansaço de seus alunos e a dificuldade de mantê-los prestando atenção nas aulas. “E de novo, aquela questão, a gente não consegue disputar a atenção de alguém com uma tela de 20 cm de tamanho. E ali o almoço está sendo feito e o cheiro do feijão já está vindo aqui no quarto. Aí o aluno diz, professor, professor, termine pelo amor de Deus, sabe? Eu notava um cansaço deles, e notava um cansaço meu também” (Rafael, entrevista, 28 mar 2022).

Com o passar do tempo, relata que foi se apropriando melhor das ferramentas e buscando alternativas a partir das dificuldades que surgiam:

Aí eu entendi que, de repente, fazer uma pasta do Google Drive para esse conteúdo pode ser legal. E aí, esse conteúdo consistia também em vídeos. E aí, você entende que o Google Drive tem uma capacidade x, e você quando tem 20 alunos essa capacidade x ela chega uma hora que vai dizer, 80%, você inventa alguma coisa.

Então você começa a entender de um pouquinho de edição de vídeo para você conseguir dar suas aulas remotas e também você começa a entender um pouquinho de aplicativos que compactam o vídeo sem reduzir a qualidade para que seu o aluno consiga ter um vídeo que era de 60 MB no tamanho de 5 MB, mas que ele consiga enxergar. Então, foi uma vivência muito rica. O que deu para ser adaptado foi (Rafael, entrevista, 28 mar 2022).

Assim, Rafael vem dando aulas particulares e relata que com o processo desencadeado pela pandemia, o ensino de música se tornou seu principal ofício: “Tocar na noite, que era o meu ofício primário, hoje é meu segundo ofício. Hoje sou professor de música, mais que músico em si” (Rafael, entrevista, 28 mar 2022).

Quando pensa nas perspectivas de trabalho, Rafael ressalta que já não pensa mais em desistir de trabalhar com música. Relata que ainda sofre pressão familiar para buscar emprego formal em outra área e que alguns de seus familiares não reconhecem a música como uma profissão, mesmo ele sendo dos primeiros de sua família a alcançar o ensino superior. “Outro dia minha mãe liga e faz, ó, abriu vaga lá no call center, já que tu está sem trabalho... eu numa graduação no ensino superior que... meus irmãos ainda não alçaram. Minha mãe não alçou. Meus avós não alçaram, meu pai não alçou” (Rafael, entrevista, 28 mar 2022).

São relatos que, segundo Morato (2010), colaboram na construção social da profissão, trazendo aspectos da precocidade da formação e da profissionalização, multiplicidade das atuações e como a profissão se faz reconhecida perante outras de maior prestígio social.

3.4 Trabalho como professor de música a partir da pandemia

Rafael pretende continuar dando aulas e faz uma reflexão sobre a concomitância das atividades de professor e músico que realiza apresentações artístico musicais. “Vou continuar dando aula. Eu gosto de dar aula. Eu gosto de palco, eu gosto de tocar, mas eu gosto pra caramba de dar aula, tenho colegas que não gostam e que deram aula como válvula de escape de grana na pandemia, mas disseram, não. Dar aula não é para mim. E tá ótimo, melhor que seja assim. Eu tive muito professor ruim na minha trajetória, tive muito professor que não queria estar ali. E é punk isso” (Rafael, entrevista, 28 mar 2022).

Ele lembra ainda, de outros aspectos necessários para a fluência das aulas de música, considerando que a interação com o aluno é fundamental. “Porque a partir do momento que tu está dando aula, é uma troca. Tu tem que tocar, mas tu tem que ver o teu aluno tocar também. Entender pedagogicamente o que ele tá precisando” (Rafael, entrevista, 28 mar 2022).

A partir de sua experiência como professor de música na pandemia, Rafael relata que a vivência proporcionou aprendizados e novas possibilidades de trabalho. Aponta a possibilidade de dar aulas para alunos de outros estados e que tem colegas que já têm captado alunos de outros países. A fim de ilustrar essas possibilidades, relata um caso de um aluno que mora em um bairro distante. “A mãe disse, eu não vou levar, vou continuar tendo aula remota. E é OK por mim. Eu tenho essa possibilidade, de dar uma aula às 15:00, uma às 16:00 e uma às 17:00, por exemplo. Se fosse uma aula no ³Valentina às 15:00, eu não conseguia dar uma aula no Brisamar às 16:00, por exemplo” (Rafael, entrevista, 28 mar 2022).

Rafael reafirma que planeja continuar dando aulas remotas e que gosta das ferramentas que o sistema online proporcionou. “Então, muitas ferramentas do remoto vou continuar usando. Eu não posso levar um quadro para a casa do meu aluno, mas posso levar meu tablet para a casa do meu aluno e usar ele de quadro. Sabe, então, algumas ferramentas, eu continuarei usando mesmo nas aulas presenciais” (Rafael, entrevista, 28 mar 2022).

Rafael aponta ainda que, em sua opinião: “nada substitui a aula presencial. Hoje eu já acho que a aula online é um bom complemento à aula presencial, mas ela pode ser um elemento principal também” (Rafael, entrevista, 28 mar 2022).

Quando analisa as perspectivas como professor de música, salienta que já ponderou desenvolver um curso online para vender em plataformas e que tem pesquisado sobre isso. Em seguida, faz o seguinte raciocínio: “aí eu teria que cobrar, sei lá, lá, 200,00 reais. Mas aí o aluno vai dizer, pô, mas 200,00 reais é fogo, porque o Nelson Faria, que tocou com o João Bosco e com a Cássia Eller, me cobra 60,00 reais. Porque que Rafael, que tocou ali na esquina, está cobrando 200,00 reais” (Rafael, entrevista, 28 mar 2022).

Continua suas reflexões considerando a distinção entre o processo de ensino de música. Considera a categoria de “cursos prontos” aqueles que podem ser vendidos por plataformas e, distintamente, as aulas remotas que podem ser ministradas individualmente via comunicador instantâneo de forma síncrona ou assíncrona, com contato direto com o professor. Ele continua suas reflexões, considerando que as plataformas de ensino e as aulas remotas online, entendendo serem formas de trabalho distintas. Os cursos online nos moldes dos cursos EAD que ele chama de “cursos online” e os cursos com aulas remotas e individuais. Considera ainda que nada impede que o professor possa atuar com as duas possibilidades.

Acaba concluindo: “O nicho de cursos online é muito doido, porque é um nicho que a gente não compete” (Rafael, entrevista, 28 mar 2022). Mas que no nicho de cursos com aulas

³ Valentina e Brisamar são bairros da Cidade de João Pessoa e distantes entre si.

remotas existe a possibilidade oferecer um atendimento personalizado às demandas dos alunos, sendo um potencial diferencial “no curso online tem muita gente que tem a necessidade de pausar a aula e dizer, professor, eu não entendi aquele terceiro exercício, mostre de novo mais lento” (Rafael, entrevista, 28 mar 2022).

Ele continua a reflexão, buscando distinguir os modelos e suas possibilidades, e observa que a sociedade ainda não compreende bem essas diferenças.

Normalmente, o nosso cliente médio, não entendo essa diferença, de aulas online e cursos online. Não uma, não duas vezes. Pessoas me procuraram: Rafael, eu te achei no Instagram, eu queria aula online contigo. Não, eu queria aula presencial contigo. Eu disse, ó, a pandemia, ainda não estou dando aula presencial, mas eu posso remoto. Ah remoto, eu não vou pagar não, que remoto tem o YouTube. Não, o YouTube é material já gerado. A minha aula remota contigo é ao vivo (Rafael, entrevista, 28 mar 2022).

Ao salientar que suas aulas são “ao vivo” Rafael ressalta que este é um fator de diferencial da qualidade dos serviços prestados por ele. Que traz em si a possibilidade da resolução de dúvidas e da apresentação de novos conteúdos no exato momento das aulas.

3.4 Trabalho com apresentações artístico musicais a partir da pandemia

Rafael, deixa claro em vários de seus depoimentos, que a temática relativa à concomitância das funções de professor de música e de músico que trabalha realizando atividades artístico musicais, é uma questão importante para ele. “Eu acho que me encontrei dando aulas, apesar de, talvez eu, a minha paixão. Paixão não, é um termo forte, mas acho que eu me encontro melhor como *Saidman*⁴, acompanhando cantores, acompanhando solistas. Eu gosto muito disso” (Rafael, entrevista, 28 mar 2022).

Quando faz sua reflexão sobre as perspectivas de trabalho como músico que atua na cena de João Pessoa, começa apontando que existe uma grande quantidade de músicos que trabalham também em outros setores e que não são somente músicos. Aponta que esta especificidade dificulta a profissionalização dos músicos e cria uma dificuldade a mais para tratar dos aspectos de remuneração.

Dado momento. Eu entendi que nem todo mundo faz da música seu rendimento principal e mais, mesmo alguns músicos que fazem da música seu rendimento principal, tem muito problema em falar de dinheiro. Muito problema, porque é como

⁴ Atuação profissional na música com a função de acompanhar e dar suporte à banda.

se fosse assim, ah não, mas a música é arte Vinícius. Tu está burocratizando uma parada que é arte, a música é arte (Rafael, entrevista, 28 mar 2022).

Entende que o músico ainda não é compreendido com o devido respeito pela sociedade. “É muito visto como um animador de festa, o professor de música da escola é pouco visto como professor de música da escola, mas quando tem que festinha, ele é o primeiro a dizerem: o velho, traz o teu violão para fazer aquele som gostoso” (Rafael, entrevista, 28 mar 2022).

Ressalta que ainda enfrenta várias situações de descontentamento com a profissão, fazendo clara distinção entre o professor de música e do músico que atua em shows. “Eu falo com a profissão de professor de música, mas também com a profissão de músico” (Rafael, entrevista, 28 mar 2022).

Este descontentamento, advém, em sua opinião, dentre outros, da falta de estrutura para trabalhar, da baixa remuneração e do não reconhecimento do músico pela sociedade. Relata uma situação vivida na semana anterior:

o batera montou a bateria, choveu, molhou a bateria, a gente arrastou e aí, quando arrastou, bateu em uma tomada e o equipamento apagou. A gente não tem aquela estrutura, o garçom passa do lado de onde você está tocando para pegar uma cerveja e aí você tem que esquivar com o instrumento para ele passar, foi uma Babel e foi ruim (Rafael, entrevista, 28 mar 2022).

Quando considera as perspectivas de trabalho, entende como algo positivo, que o período da pandemia permitiu, a partir da intensificação do uso das mídias sociais, compreender melhor as condições de trabalho de outros locais: “pelo menos do meu ponto de vista, a gente começou a ver possibilidades e a gente começou a entender, fora da nossa bolha de atuação” (Rafael, entrevista, 28 mar 2022).

Esse fenômeno, permitiu realizar comparações de cachês e formas de atuação, e que esse é também um aspecto interessante. Entende que essas interações encorajaram muitos músicos a, com o fim da pandemia, buscarem locais para atuarem. Lembra ainda que, as mídias sociais, se tornaram importante meio de interação para as práticas de gravação e apresentação. “Então, tem muita gente aparecendo agora e dizendo não, eu já toco faz tempo, mas eu não mostrava o meu trabalho e na pandemia eu me publiquei, entendi o Instagram como uma boa ferramenta, entendi o Soundcloud” (Rafael, entrevista, 28 mar 2022).

4 ARTICULAÇÃO ENTRE AS EXPERIÊNCIAS DOS ENTREVISTADOS

Este capítulo apresenta pontos convergentes das trajetórias dos entrevistados, buscando discutir a interlocução que realizam com algumas abordagens teóricas da educação musical. Busca compreender como aconteceu o processo de formação dos entrevistados, as experiências profissionais, como aconteceu o processo de ensino de música na pandemia e os legados deixados por esse processo.

4.1 Processo de aprendizado do instrumento

Os entrevistados são multi-instrumentistas com a guitarra como o principal instrumento de trabalho. Os mesmos vivenciaram processos não sistematizados de aprendizado do instrumento. José relata lembranças da infância em que estava sempre com instrumentos musicais nas mãos, enquanto Rafael iniciou o processo de aprendizado por engajamento na igreja que frequentava. Somente mais tarde fizeram aulas de instrumento de forma sistematizada e atualmente são alunos do curso de Licenciatura em Música da UFPB.

Embora não tenham cursado, no primeiro momento, um curso para a aprendizagem do instrumento, ambos tiveram a ajuda de amigos e entendem que este processo de troca fez parte do seu aprendizado. Como Rafael relata:

nunca tinha tido uma oportunidade de estudar o instrumento, fosse ele qual fosse. Sempre era o cara da outra rua ali, que toca um pouco melhor, me mostrava uma coisa, o cara ali da escola que... Então, muito embrionariamente (Rafael, entrevista, 28 mar 2022).

Esse aprender na prática tem sido estudado pela área de Educação Musical em vários contextos, entendendo que se aprende música em diversos espaços onde a prática musical acontece (Arroyo, 2000; Queiroz, 2011). Um exemplo é o que traz Santana (2019, p. 3) sobre o processo de aprendizagem que acontece em uma bateria de escola de samba, fundamentando-se em três pilares:

Aprendizagem pela prática -
 (i) aprender fazendo (tocando)
 (ii) Integração dos papéis de aprendiz e tutor - aprender ensinando
 (iii) Desenvolvimento primordial da habilidade de interação - aprender interagindo.

Acredito que essas características se apliquem aos demais processos de aprendizagem de música, em especial, como os vivenciados pelos entrevistados. Assim, a partir dos

conhecimentos construídos nessas vivências, os entrevistados buscaram outros espaços para aprender e aprimorar os conhecimentos musicais. Confirmando assim que é possível aprender música em diversos contextos, conforme já apontado pela literatura da área.

Sobre a aprendizagem em contexto institucional, José fez o curso técnico de instrumento no IFPB, considerando um privilégio, como ressaltado anteriormente, e ainda, enaltece a importância dos professores em sua vida pessoal, pois os mesmos o ajudaram a superar o momento de luto pela perda de seu pai.

A passagem a seguir retrata esse processo:

O curso técnico integrado. Você fazia o ensino médio e tinha aula de música junto, então isso para mim foi uma grande chave para desencadear tudo o que aconteceu até agora, assim, não é? Que era uma delícia, assim, você tem aula de matemática, depois aula de guitarra, aula de filosofia, aula de percepção musical. Então foi algo muito importante na minha vida. Me formei lá no curso de técnico e por uma série de motivos, talvez não cabe colocar aqui, mas já no finalzinho do curso teve um acontecimento da minha vida que deu uma balança, que por um momento parei de tocar e pensei desistir da música: “foi falecimento do meu pai, que era uma pessoa que estava ali dando muito apoio e tal, mas, logo no finalzinho do curso, entrou um professor”. Abriu um concurso lá no IF, entraram novos professores. O professor de guitarra tinha saído também, que foi um grande professor da minha vida, Marcos Rosa. Mas, é, desses novos professores, chegou Danilo. Era professor de baixo acústico e baixo elétrico e criei um vínculo com ele, uma amizade, e comecei a brincar no baixo acústico e foi a forma que encontrei de não desistir da coisa. Então peguei meu baixo acústico, comecei a tocar, estudar, estudar, estudar (José, entrevista, 20 mar 2022).

Em seguida, José ingressou no Bacharelado de Baixo Acústico da UFPB, no entanto, diante das práticas de ensino adotadas, em seu modo de entender, muito rígidas, o levaram a abandonar o curso.

Mas, é justamente por ter uma cabeça muito plural e, de certa forma, pensar muito na arte, assim, para além do som, é pensar na dança, no corpo, na palavra. Que é algo que falta muito no curso de música, né? Você não fala da palavra. Eu me vi num lugar onde estavam criando muros para a minha criatividade. Para minha imaginação, para as possibilidades que eu tinha a oferecer (José, entrevista, 20 mar 2022).

Essas duas falas de José mostram duas experiências distintas com o ensino institucionalizado. No ensino técnico, ele viveu algo que o impulsionou para continuar na música, até mesmo tocar outro instrumento — o baixo acústico, e buscar a continuidade no estudo no curso de bacharelado. No bacharelado, a experiência vivenciada o levou para outros rumos e questionamentos. Nesse sentido, o texto de Benedetti e Kerr (2012) que problematizam a educação formal, como no caso da universidade, citado por José, como um

espaço “destinado a transmitir conhecimentos e formas de pensamento (teórico-crítico, filosófico, artístico) historicamente constituídos pela humanidade” e são enfáticos ao afirmar que isso “não implica uma postura elitista que desconsidera a produção de conhecimento de todas as classes sociais”. Assim:

A produção do conhecimento humano é realizada ininterruptamente por todas as classes e grupos sociais. Contudo, a elaboração do conhecimento humano (essa sim, tarefa específica da escola, do ensino formal) é um processo intencional e sistematizado, realizado pelo trabalho educativo. Nessa perspectiva, os conhecimentos cotidianos e aqueles pertencentes às culturas populares fazem parte da produção de saber, tal como as práticas musicais cotidianas, por exemplo, e aquelas que são expressão de culturas populares locais, com séculos de tradição. Mas elaborar e teorizar o saber é outro processo, que exige uma prática e um espaço social específicos. Nisso consiste a especificidade da educação formal como instância social destinada a dar acesso aos instrumentos de elaboração do saber e de domínio das linguagens expressivas das artes (Benedetti; Kerr, 2012, p. 7).

Os entrevistados relatam que diversas destas habilidades adquiridas de forma não sistematizada dão-lhes, atualmente, as ferramentas necessárias para a atuação profissional. São abordagens que denotam o quanto os processos de aprendizagens vividos em tantos outros contextos como: família, igreja, bandas, internet, *etc.* ainda são negligenciados em contextos como a universidade, cursos técnicos e escolas especializadas no ensino de música. O relato de José é emblemático em mostrar traços dessa desconexão entre o mundo dentro e fora da universidade.

4.2 Música e trabalho

Para os entrevistados, os primeiros trabalhos aconteceram naturalmente. Ambos começaram executando trabalhos como continuação do que já faziam informalmente. Rafael, que já tocava na igreja, recebeu convites para tocar em casamentos. José ampliou sua atuação em bandas e montou um estúdio de gravação e ensaios.

Ambos são contundentes ao afirmar a importância destes espaços e contextos para o crescimento da condição técnica para execução dos instrumentos. No caso do estúdio, como ressalta Beltrame (2017), o estúdio como um local de criação e desenvolvimento musical. Os entrevistados vivenciaram práticas que geraram também aprendizados de outros requisitos necessários para a atuação profissional, como a ampliação da rede de contatos e o estabelecimento de valores de cachê para apresentações. Como José relata sobre algumas das experiências que viveu com a condução do estúdio em que trabalhava, aponta que fez uma

ampla rede de contatos com outros músicos da cena musical em que atua. Continuou seu processo de treinamento das habilidades técnicas nos diversos instrumentos que toca e desenvolveu habilidades para a realização de gravação.

A gente tinha um espaço que a gente podia tocar em qualquer momento. Como eu deixava minha guitarra lá para qualquer um dos meninos pegar, eu tinha um baixo disponível, sempre que eu quisesse, com amplificador para botar no talo e tocar de meio-dia ou de manhã, sei lá, qualquer hora e tinha uma bateria lá também para assentar, estourar ela em qualquer momento, de madrugada. Podia fazer isso, né? E esse estúdio também possibilitou que muita gente do cenário musical de João Pessoa e da Paraíba fosse lá ensaiar e a gente criasse contato e se colocasse, de certa forma, nesse cenário, nessa bolha que eu atuo (José, entrevista, 20 mar 2022).

Esses trabalhos exigiram maior envolvimento e a perspectiva de remuneração ampliou, em ambos, a possibilidade de trabalho com a música. A partir de um período intenso dedicado ao estúdio, José reflete sobre a perspectiva da remuneração:

Trabalhei com música e ganhei uma grana massa. Legal, deu para ficar alguns meses muito suaves, sim, e comprar outras coisas que desencadearam em outras. Não é? Assim, como uma bola de neve subindo, não descendo, não é? (José, entrevista, 20 mar 2022).

A trajetória de Rafael relata entrelaçou diferentes frentes de trabalho: começou como secretário em uma escola especializada de música e em seguida assumiu na mesma escola também a função de professor. Foi uma grande carga de trabalho, mas que ele considera de grande aprendizado. Tempos depois ele deixou a função de secretário e ficou atuando como professor e também como músico na noite.

Eu morava na escola, era muito doido, mas foi o primeiro contato com aulas de música que eu tive. Foi primeiro contato com aula de música que eu tive. Foi aí, a partir da escola. Depois que eu entrei na escola, passamos quase dois anos e a pandemia veio (Rafael, entrevista, 28 mar 2022).

Esse exemplo mostra uma das características do trabalho do músico. Onde é comum a execução de várias funções simultaneamente, com a concomitância de funções de outras áreas, fora da música. Os relatos dos entrevistados retratam um cenário com condições de trabalho similares aos descritos por outros estudos realizados que apontam para a acentuada precarização das condições de trabalho dos músicos. Como aponta Requião (2020) ao buscar

analisar, discutir e compreender a conformação do trabalho do músico às regras impostas pelo mundo do trabalho e a forma como essa força de trabalho vem sendo

apropriada por mecanismos de exploração próprios à atual fase do modo de produção capitalista (Requião, 2020, p. 6).

O artigo da autora mostra o processo de deterioração das condições de trabalho que os músicos vêm enfrentando, de tal forma que estão passando da condição de “músico trabalhador” para a condição de “músico empreendedor”. Aponta que este é um fenômeno perverso aclamado pela mídia, e que vêm formando consenso sobre o que transparece ser o único caminho para a atuação no campo de trabalho da música. O cenário de formação deste fenômeno de consenso sobre as práticas empreendedoras é retratado por Requião (2020, p. 5):

Apostando em um perfil “empreendedor”, tal qual nos aponta o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) — que se utiliza de slogans como “Empreender é viver o futuro hoje” e “Empreendedorismo é quando a inovação e a produtividade caminham juntas” —, qualidades como uma maior capacidade de adaptação e de flexibilidade são requeridas desse “novo” perfil profissional, além da capacidade de “inovar”. Com isso, percebemos um tom bastante otimista em relação ao empreendedorismo.

Os entrevistados relatam que passaram a se colocar, cada vez mais, na perspectiva de empreendedores, na condição de músicos autônomos com o desenvolvimento de várias funções simultaneamente, ainda que demonstrando uma leitura com percepção crítica sobre a realidade enfrentada, se viam cada vez mais envolvidos nesta lógica de trabalho.

Este acúmulo de atividades levava a um claro esgotamento físico. A superação desta realidade era enfrentada com o fortalecimento da convicção de que esta era a única alternativa factível para o prosseguimento das atividades artístico musicais.

4.3 O Trabalho com ensino de Música

Os relatos dos entrevistados mostram que ambos trabalhavam com apresentações artístico-musicais na noite, sempre ressaltando gostarem muito dessa atuação. Para eles, a possibilidade de trabalhar com o ensino de música passou a se configurar como uma possibilidade *a posteriori*, no processo de desenvolvimento das práticas profissionais.

Ambos, cada um à sua maneira, relatam que ao se aproximarem dos trabalhos com o ensino de música, tiveram muitas descobertas e um crescente interesse pela atividade, e que a prática foi se materializando como uma possibilidade de trabalho. Relatam que o ensino da música ocupou um lugar que proporciona realização profissional e destacam o fato de ser uma

atividade profissional que permite ter rendimentos com maior nível de estabilidade quando comparado a músicos que não atuam como professores de música.

Esses dados se articulam com Requião (2002), quando discorre sobre o perfil do músico-professor, analisando a formação, os saberes e como se dá a atuação destes profissionais. As premissas levantadas reafirmam os relatos apresentados pelos entrevistados:

O que pude observar, entre outros aspectos, é que o músico considera a atividade docente uma atividade secundária no escopo de suas atividades profissionais, embora a atividade docente seja uma constante em seu cotidiano profissional e esta seja também a atividade que em geral lhe proporciona uma remuneração mais regular (Requião, 2002, p. 18).

Rafael relata que o processo de trabalhar ensinando música foi de fundamental importância em sua formação como músico. Nesta fase de sua trajetória já se percebia como um profissional da música.

A experiência de José com ensino de música em escola especializada foi a partir de um convite de um amigo. A princípio seria para substituir um profissional por um curto período, mas acabou sendo contratado. Relata que teve muitos aprendizados e teve a oportunidade de desenvolver processos de ensino a partir de suas vivências e intuição. No entanto, ocorreu algo semelhante com o que vivenciou no curso de bacharelado, a metodologia da escola e a exigência de seguir de forma mais rígida entrou em choque com a sua concepção de Arte e de ensino de música. Lembra que muitos destes conflitos geraram “perguntas” e que a busca por estas respostas o levaram a buscar o curso de licenciatura em música.

4.4 A chegada da pandemia

Antes da pandemia os entrevistados viviam um bom momento financeiro com muitos trabalhos sendo realizados. Ambos vinham fazendo shows e dando aulas em escolas especializadas em música. Com a chegada da pandemia a situação financeira passou por um momento de forte crise e incertezas.

Logo que se desencadeou a pandemia, as escolas, nas quais trabalhavam, tentaram prosseguir com as atividades adaptando os modelos de funcionamento para o ensino remoto emergencial, realizado via Google Meet. Logo em seguida, as escolas encerraram as atividades e eles foram dispensados sem maiores proteções de amparo trabalhista, visto que

atuavam sem carteira assinada. Estes acontecimentos retratam, como aponta Guazina (2021), para as precárias situações de trabalho dos músicos no Brasil:

No mundo do trabalho musical não é diferente; porém, é necessário considerar que a informalidade, a exploração, a instabilidade, o frágil reconhecimento social e a remuneração insatisfatória são marcas históricas na experiência laboral de músicos e musicistas, bem como de outros(as) trabalhadores(as) da música. Como abordado ao longo deste artigo, esse cenário tem um papel significativo na construção do mundo do trabalho da música e é devido a isso que as configurações do trabalho musical no país são elementos-chave para a compreensão da intensa pauperização vivida por esses(as) trabalhadores(as) durante a pandemia da Covid-19. Os contextos de empobrecimento e dificuldade de acesso à proteção social vividos hoje não devem parecer apenas produto da pandemia, mas sim dos processos histórico, social, econômico, educacional, artístico e cultural que se articulam no trabalho musical e interagem com o cenário atual (Guazina, 2021, p. 20).

Tal situação é apresentada também pela pesquisa de Sandroni e colaboradores (2021), que ao comparar os dados entre os profissionais com vínculo formal de trabalho e aqueles sem vínculo formal, verificaram que os sem vínculo formal tiveram perdas de renda até 8 vezes maiores. Ressaltando que a classificação dada àqueles sem vínculo formal engloba os microempreendedores, autônomos ou empresários. Neste sentido, reforçam-se os levantamentos de Requião (2020), com atenção especial conferida ao fenômeno de transformação vivenciado no campo de trabalho dos músicos.

Apontamos que, a partir de grandes transformações no modo de produzir e consumir música, é delegada aos músicos a necessidade de “reinventar-se” e “sair da caixa”, o que seria uma premissa para a permanência desse trabalhador no mercado de compra e venda de produtos e serviços musicais. Nesse sentido, atestamos que a figura do músico trabalhador vem sendo substituída pela do microempreendedor individual. Do nosso ponto de vista, o que ocorre é um acirramento na precarização das relações de trabalho, e, tal qual nos demais setores produtivos, os músicos estão à deriva, entregues a um mar de incertezas (Requião, 2020, p. 23).

Assim, a dificuldade enfrentada pelos músicos durante a pandemia se mostra como reflexo de um processo de deterioração em curso, conforme apontado por Sandroni e colaboradores (2021).

Por conta de novos modelos de negócios em curso. Assim, entendemos que a pandemia não só acelerou processos que já vinham acontecendo — de precarização das relações de trabalho e do incremento da tecnologia como meio fundamental na gestão e nos modelos de negócios, por exemplo — como expôs a vulnerabilidade à qual trabalhadores e trabalhadoras da música vêm sendo submetidos. Em função de tecnologias que permitem o acesso ao conteúdo musical — como as plataformas de streaming — a indústria da música vem se reconfigurando e transformado formas de produção e consumo (Sandroni, *et al.*, 2021, p. 18).

Com o fechamento das atividades, as escolas onde os entrevistados trabalhavam disponibilizaram os contatos dos alunos e ambos tiveram que buscar a captação destes para prosseguir, agora na condição de professores autônomos. Esta foi a única possibilidade de geração de renda para ambos naquele momento.

4.5 Adaptações e aprendizados no processo de dar aula no formato remoto

Os relatos apontam que os primeiros meses foram de adaptações e aprendizados. As adaptações se referem às tentativas de trazer para a modalidade de aulas remotas, processos e métodos que eram adotados presencialmente, assim como a busca de alternativas e adaptações para as limitações das ferramentas disponíveis. As experiências por eles relatadas se articulam com o que Vasconcelos (2021) aponta ao realizar um amplo levantamento de aspectos relacionados às dificuldades enfrentadas pelos professores durante a pandemia. Seu trabalho destaca aspectos relativos às incertezas, instabilidade da internet, ferramentas tecnológicas e a falta de equipamentos com boas condições. Ainda segundo Barros e Beltrame (2022), essas dificuldades enfrentadas no acesso à internet em condições inadequadas, ressaltaram aspectos da exclusão digital no Brasil.

Diante desse cenário, principalmente considerando que as aulas de música envolvem áudios, vídeos, imagens e isso implica diretamente uso de dados e memória dos dispositivos, é imprescindível pensar em recursos possíveis para que a maioria dos estudantes e professores sejam atendidos (Barros; Beltrame, 2022, p. 9).

Como salienta Barros (2020), existem diferenciações conceituais quanto aos formatos de educação a distância (EaD), ensino híbrido e ensino remoto para o ensino online. O autor opta por utilizar a classificação de Ensino Remoto Emergencial nas análises relativas ao processo de iniciativas adotadas para superação da fase aguda da reclusão na pandemia. Muitas das ferramentas utilizadas na modalidade de ensino remoto de música vinham sofrendo forte expansão antes da eclosão da pandemia, como aponta Gohn (2020). Os entrevistados tinham contato com algumas destas ferramentas na condição de usuários, mas não na condição de professores de música na modalidade de ensino remoto.

Nesse sentido, os entrevistados desta pesquisa fazem considerações sobre como percebem e distinguem as modalidades de ensino. São relatos que sinalizam para necessidade de organização e apropriação das possibilidades que cada uma delas pode oferecer. Sempre ressaltam que para o ensino de música, o ensino presencial tem requisitos insubstituíveis, com

a possibilidade de interação, troca de percepções sonoras e de conteúdos que os processos de ensino remoto não suprem.

No que se refere ao processo de adaptação e aprendizados gerados ao ensinar música na modalidade de ensino remoto, os entrevistados destacaram que os desgastes físico e mental diante das telas se fizeram presentes, tanto para os professores quanto para os alunos. Como aponta o artigo “O estresse gerado pela pandemia como risco para adoecimento mental e físico do músico a partir das neurociências cognitivas”:

é importante ressaltar a adaptação que os educadores musicais tiveram que passar para transformar suas aulas presenciais em aulas remotas. Foi necessário aquisição de novos equipamentos de captação de áudio e vídeo, além da necessidade de desenvolvimento, em tempo recorde, de habilidades para edição de vídeos/áudios, postagens e engajamento nas redes sociais. Tudo isso fez com que muitos precisassem sair de sua zona de conforto, causando mais ansiedade e estresse (Louro; Duarte, 2021, p. 382).

Os relatos apontam que os entrevistados desenvolveram estratégias para minimizar os desgastes gerados diante da nova experiência. Rafael relata que chegou a realizar a troca de quartos entre as aulas e utilizar roupas como se estivesse dando aulas presencialmente. Acredita que foram estratégias que ajudaram a reduzir o tédio e o estresse gerados por passar vários dias em confinamento, com horas seguidas diante das telas.

Os entrevistados apontam que as dificuldades geradas na realização das aulas levaram à criação de novos processos pedagógicos, fato que consideram positivo, pois foram práticas e ferramentas que ficarão incorporadas ao fazer profissional. Para ilustrar, José relata que incentivou um de seus alunos a compor, e para este fim, sugeriu a utilização de algumas ferramentas tecnológicas disponíveis, como softwares de edição musical e de texto. Essa prática se relaciona com as experiências musicais próprias da cultura participativa digital, trazidas por Barros e Beltrame (2022), como, por exemplo: *remix*, *mashup*, curtir e comentar músicas nas mídias sociais, produções realizadas em multipistas. Os autores

trazem à tona discussões sobre um olhar específico para as práticas da cultura participativa digital e sua articulação com as aulas remotas que ocorreram de forma virtual. Tais dados mostram práticas pedagógicas que se ajustam e se retroalimentam com um modo de ouvir, produzir e tocar música que ocorre dentro do contexto digital e suas características de participação e compartilhamento de informações... (Barros; Beltrame, 2022, p. 9).

Quando consideram os aspectos positivos do sistema de aulas remoto, destacam ainda, o aprendizado na utilização de várias ferramentas que ficarão incorporadas. Como aponta Barros (2020) vários quesitos da cultura participativa fazem parte desta nova

realidade. Rafael relata, para ilustrar uma destas possibilidades, que deu aulas para alunos distantes geograficamente, inclusive para alunos de outros estados. Para ambos, várias destas ferramentas continuarão sendo utilizadas, mesmo na modalidade de aulas presenciais. Como apontado por Serra e Carvalho no contexto da economia criativa:

É importante ressaltar que a pandemia de covid-19 transformou os processos de produção, o consumo e os modos de vida da sociedade, porém houve significativa influência na criatividade, da inovação e da cultura, que são pilares da economia criativa (Serra; Carvalho, 2020, p. 9).

Os aprendizados possibilitaram a apropriação de novas ferramentas e métodos de trabalho incorporadas ao fazer profissional. Estes aprendizados geraram novas perspectivas de atuação para as apresentações artístico musicais, de produção musical e para o ensino de música. Destaco, ainda, a possibilidade de aprendizados gerados pelo intercâmbio de informações, gerando o anseio por melhores condições de trabalho.

4.6 As perspectivas de trabalho a partir do fim da pandemia

Tendo em vista as experiências vivenciadas, os dois entrevistados ressaltam que pretendem continuar realizando apresentações artístico musicais e trabalhando como professores de música. Lembram que o enfrentamento da pandemia proporcionou e ampliou as diversas formas de atuação para os músicos. Relatam que o contato direto e com maior intensidade, proporcionado pela elevação da utilização das mídias sociais, fez com que se estabelecesse um processo de encorajamento para muitos músicos, gerando aprendizados relativos à possibilidade de atuação e sobre as condições nas quais estas acontecem. Como é ressaltado por Marques (2021; 2022), a internet se consolida como um espaço pedagógico de estudos e aprendizados musicais. Desta forma, destaco ainda, a consolidação destes espaços como local destinado a apresentações artístico musicais.

De forma semelhante, Barros (2020) ressalta que as práticas musicais oriundas da cultura participativa digital, potencializadas pelas tecnologias e associadas às práticas musicais digitais participativas, são agentes capazes de ampliar as oportunidades de ensino e aprendizagem e, cada vez mais, serem incorporadas às práticas profissionais da música.

No processo de superação das dificuldades impostas pela pandemia, José foi contemplado em um projeto da Lei Aldir Blanc (Brasil, 2020), sancionada em junho de 2020 pelo Congresso Nacional como uma tentativa de diminuir os impactos enfrentados pela classe

artística. O auxílio proporcionou a possibilidade de voltar a desenvolver atividades de produção musical com a gravação de trabalhos fonográficos de sua banda. Estes processos de aprendizados e experiências vividas fortaleceram nos entrevistados a convicção de que continuarão dando aulas de música e que utilizarão as modalidades de ensino, remoto, presencial e que a combinação de ambos os processos apresentam-se como uma possibilidade. Tal fato é apresentado também por Vasconcelos (2021) ao trazer aspectos positivos decorrentes da experiência de ensino remoto emergencial de música, como os relativos ao alcance de maior público, menor necessidade de deslocamento e apropriação de ferramentas.

Assim, são unânimes em afirmar a importância da atuação como professor de música durante a pandemia, que ajudou, de forma considerável, a diminuir as dificuldades financeiras enfrentadas em virtude da suspensão dos shows e do fechamento das escolas especializadas de música onde trabalhavam.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve em vista compreender como músicos profissionais que atuavam em João Pessoa desenvolveram atividades de ensino de música como alternativa de renda durante a pandemia de covid-19. As medidas de restrição sanitária levaram à suspensão dos shows e de outros locais de trabalho, como estúdios de gravação e escolas especializadas de música. Diante desta realidade, os músicos pesquisados encontraram no ensino de música, na modalidade de ensino remoto, uma possibilidade de trabalho e, desta forma, uma maneira de minimizar os impactos negativos gerados com a perda de rendimentos.

A fim de melhor compreender as particularidades apresentadas, investigamos o processo de formação dos profissionais entrevistados, buscando compreender o campo de atuação e os trabalhos desenvolvidos antes da pandemia, compreender como ocorreu o processo de enfrentamento, os aprendizados deixados e as perspectivas de trabalho geradas a partir da pandemia.

A investigação sobre o processo de formação profissional nos remeteu às discussões do campo da educação musical que analisam os processos de ensino e aprendizagem de instrumentos, abordagens sobre o ensino remoto de música, uso de tecnologias e atuação profissional. Visou compreender como ocorreu o processo de aprendizado e formação dos entrevistados, primeiro em múltiplos espaços e formas de aprender, desde iniciativas de autoaprendizado até a realização de cursos.

Logo em seguida, investigamos os processos de atuação profissional e suas principais características. Observou-se que os trabalhos realizados tiveram significativa importância no processo de formação musical e que ajudaram a moldar o perfil de atuação destes profissionais. A pesquisa apontou, em um primeiro momento, características similares ao perfil de atuação apresentado estudos da área realizados em outras regiões do Brasil pelos pesquisadores: Requião (2002, 2010, 2016, 2017, 2020), Guazina (2021), Sandroni e colaboradores (2021), confirmando assim, na realidade local e singular de cada entrevistado, traços que marcam a área de música no contexto brasileiro.

A pesquisa, observou ainda, a interlocução dos relatos dos entrevistados com autores da educação musical que tratam do ensino remoto emergencial durante a pandemia. Vasconcelos (2021), Barros (2020), Barros e Beltrame (2022), são autores que tratam de aspectos conceituais e práticos, sobre os processos e tecnologias utilizadas na pandemia, a partir de estudos sobre cultura participativa digital e suas interlocuções com os relatos trazidos pelos entrevistados.

Em relação aos objetivos específicos, o primeiro, que consistiu em “identificar os impactos da pandemia na renda dos músicos profissionais que atuavam em João Pessoa” foi respondido, uma vez que esta investigação apresentou aspectos que ratificam outros estudos da área relativos às condições de trabalho em processo de deterioração no Brasil, onde a pandemia se apresentou como um evento que acentuou características deste processo. O desamparo das relações de trabalho sem proteção das leis trabalhistas, o acúmulo de atividades e a ausência de políticas de formação e proteção para os trabalhadores da cultura ficaram evidentes.

O segundo objetivo específico buscou “aprofundar a compreensão do processo de busca de adaptação e aprendizado para o ensino de música na modalidade de ensino remoto”, que logo se apresentou como a única alternativa de renda. Para este fim, descrevemos as atividades educativas desenvolvidas, estratégias pedagógicas utilizadas e conhecimentos prévios necessários para essa atuação. Os relatos apontam que os entrevistados passaram por um processo de adaptação, pois não possuíam treinamento prévio específico para exercer a atividade. Aprenderam a superar as limitações das ferramentas, buscando adaptar processos de ensino presencial para o remoto e desenvolvendo novas possibilidades de interação com os alunos. Constatou-se que o processo deixou muitos aprendizados e que, muitos deles, estão incorporados ao escopo de atividades profissionais por eles desenvolvidas a partir da experiência vivenciada.

Sobre o terceiro objetivo específico: “analisar os desafios enfrentados pelos músicos profissionais de João Pessoa para atuarem como educadores na pandemia”. A pesquisa aponta, ao identificar os desafios vivenciados, que com a intensificação do uso das redes na pandemia, surgiram também aspectos positivos, como a possibilidade de dar aulas remotas para alunos de outras regiões e a criação de intercâmbio profissional.

Desta forma, acredito que a análise dos objetivos específicos contribuiu diretamente na compreensão do objetivo geral. A investigação realizada aponta alguns aspectos que ilustram as condições de trabalho e a formação dos profissionais que atuam em João Pessoa. Ampliou a percepção quanto ao papel que o ensino de música representa na composição da renda destes profissionais, como o ensino de música na modalidade de ensino remoto foi essencial no enfrentamento da pandemia e como se apresenta como uma possibilidade de trabalho a partir da pandemia.

Considero que o processo de desenvolvimento da pesquisa possibilitou a aproximação com temáticas relativas à educação musical, ampliando meu olhar sobre práticas de cultura participativa digital, o papel das tecnologias digitais no ensino da música e como estas têm

provocado novas possibilidades de ensino e trabalho para os profissionais da música. Considero que ao aprofundar nas reflexões sobre as condições de trabalho e campo de atuação para os profissionais da música, realizei importante contribuição para minha formação acadêmica e profissional. A compreensão sobre as reais condições de trabalho é um dos pilares mais importantes para a criação de melhores condições de trabalho para qualquer classe de trabalhadores.

Desta forma, espero poder contribuir com a área de educação musical, a partir desta investigação específica, com a análise de particularidades locais, que possam se somar a outros estudos de maior amplitude. Poder ampliar a percepção de que a formação do educador musical eleva as possibilidades de atuação do profissional da música e, desta forma, contribuir para a diluição da ideia de que a atuação como professor de música é incompatível e prejudicial aos músicos que desempenham apresentações profissionais artísticos musicais.

Acredito que, em trabalhos futuros, possam ser abordados, dentre outros, com maior abrangência, aspectos relativos às exclusões digitais ocorridas, investigando os principais fatores que levam a estas exclusões. Discutir a formação em educação musical, refletindo sobre o papel desta em promover o manuseio e olhar crítico sobre as ferramentas para a realização de atividades profissionais nas mídias, entendendo, por exemplo, o funcionamento das plataformas de distribuição e vendas.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Margarete. Transitando entre o “Formal” e o “Informal”: um relato sobre a formação de educadores musicais. In: SIMPÓSIO PARANAENSE DE EDUCAÇÃO, 7., 2000, Londrina. *Anais [...]* Londrina, 2000. p. 77-90.
- BARROS, Matheus Henrique da Fonseca. Educação musical, tecnologias e pandemia: reflexões e sugestões para o ensino de música em meio à Covid-19. *ouvirOUver*, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 292–304, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/55878>. Acesso em: 17 mai. 2022.
- BARROS, Matheus Henrique da Fonsêca; BELTRAME, Juciane Araldi. Educação musical, tecnologias e pandemia: o que aprendemos e para onde vamos? *Revista da Abem*, v. 30, n. 1, e30105, 2022. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/1085>. Acesso em 2 out. 2022.
- BELTRAME, Juciane Araldi. O home studio como espaço de criação e aprendizagem musical. *DEBATES: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Música*, [S. l.], n. 18, 2017. Disponível em: <http://seer.unirio.br/index.php/revistadebates/article/view/6522>. Acesso em 3 mai. 2022.
- BENHAMOU, Françoise. *A economia da cultura*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.
- BEZERRA, Igor de Tarso Maracajá. Educação Musical e Tecnologia: Reflexos de uma aproximação acelerada pela pandemia. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 25., 2021, online. *Anais [...]* ABEM, 2021. Disponível em: <http://abem-submissoes.com.br/index.php/xxvcongresso/2021/paper/view/1103>. Acesso 3 mai. 2022.
- BENEDETTI, Kátia Simone; KERR, Dorotea Machado. A educação musical sob a perspectiva da pedagogia histórico-crítica. *Revista Música Hodie*, Goiânia, v. 10, n. 2, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/musica/article/view/19456>. Acesso em: 10 ago. 2022
- BRASIL. Lei n.º 14.017, de 29 de junho de 2020. Dispõe sobre ações emergenciais destinadas ao setor cultural a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo n.º 6, de 20 de março de 2020. *Diário Oficial da União*, 30 jun 2020.
- FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, [S. l.], v. 14, n. 28, p. 139-152, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2004000200004>. Acesso em: 20 ago. 2022
- GUAZINA, Laíze. As configurações do trabalho musical e a pandemia da Covid-19: precarização, luto, resiliência e redes de cooperação. *Opus*, [S. l.], v. 27, n. 3, p. 1-27, 2021. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.20504/opus2021c2701>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- GOHN, Daniel. M. Aulas on-line de instrumentos musicais: novo paradigma em tempos de pandemia. *Revista da Tulha*, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 152-171, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2447-7117.rt.2020.170749>. Acesso em: 25 jul. 2022.

MARQUES, Gutenberg de Lima. Conteúdos pedagógicos em mídias sociais: aspectos e características do ensino de canto no YouTube. *ouvirOUver*, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 111-124, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/OUV-v18n1a2022-60722>. Acesso em: 7 set. 2022.

MARQUES, Gutenberg de Lima. *Práticas de Ensino e Aprendizagem de canto nas mídias sociais: um estudo sobre o espaço pedagógico-musical YouTube*. 2021. Dissertação (Mestrado em Música) — Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/22329>. Acesso em 08 nov. 2022.

LOURO, Viviane; LOURO, Fabiana dos Santos; DUARTE, Plinio Gladstone. O estresse gerado pela pandemia como risco para adoecimento mental e físico do músico a partir das neurociências cognitivas. *Revista Música*, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 379-396, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/rm.v20i2.178817>. Acesso em 3 jul. 2022.

PENNA, Maura. *Construindo o primeiro projeto de pesquisa em Educação Musical*. Porto Alegre: Meridional, 2015.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Criação, Circulação e Transmissão Musica I: Inter-relações e (Re)Definições a Partir dos Cenários Tecnológico e Midiático Contemporâneos. *Revista Música Hodie*, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 135-150, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/mh.v11i1.21724>. Acesso em 23 jul. 2022.

REQUIÃO, Luciana. *Saberes e competências no âmbito das escolas de música alternativas: a atividade docente do músico-professor na formação profissional do músico*. Rio de Janeiro: Booklink, 2002.

REQUIÃO, Luciana. “*Eis aí a Lapa...*”: processos e relações de trabalho do músico nas casas de shows da Lapa. São Paulo: Annablume, 2010.

REQUIÃO, Luciana. “Festa acabada, músicos a pé!”: um estudo crítico sobre as relações de trabalho de músicos atuantes no estado do Rio de Janeiro. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, [S. l.], n. 64, p. 249-274, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i64p249-274>. Acesso em 23 mai. 2022.

REQUIÃO, Luciana. A morte (ou quase morte) do músico como um trabalhador autônomo. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX E O MARXISMO 2017: De O capital à Revolução de Outubro (1867-1917), 2017, Niterói. *Anais [...]*. Disponível em: <https://www.niepmarx.blog.br/MManteriores/MM2017/anais2017/MC24/mc242.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2021.

REQUIÃO, Luciana. Mundo do trabalho e música no capitalismo tardio: entre o reinventar-se e o sair da caixa. *Opus*, [S. l.], v. 26 n. 2, p. 1-25, 2020. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/opus2020b2603>. Acesso em 16 mai. 2022.

SANDRONI, Clara; FERREIRA, Daniela Maria; REQUIÃO, Luciana Pires de Sá; SANDRONI, Carlos; LIMA, Margareth Guimarães, A Covid-19 e seus efeitos na renda dos

músicos brasileiros. *Revista Vórtex*, [S. l.], v. 9, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/vortex/article/view/4175>. Acesso em: 6 jul. 2021.

SANTANA, Chico. Reverberações de saberes na batucada de samba. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 24., 2019, Campo Grande. *Anais [...]*. Campo Grande. 2019. n.p. Disponível em: <http://abem-submissoes.com.br/index.php/xxivcongresso/2019/paper/view/220>. Acesso em 15 mai. 2022.

SERRA, Camila Roberta Muniz; CARVALHO, Juliano Maurício de. A arte musical e seu ensino: desafios e possibilidades do empreendedorismo criativo frente à pandemia de Covid-19. In: CARVALHO, Juliano Maurício de; GROSSI, Angela Maria; PESSOTTO, Ana Heloíza Vita (org). *Mídia, cultura inovativa e economia criativa em tempos pandêmicos*, Bauru: Gradus Editora, 2020. p. 167-176. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/202379>. Acesso em mai. 2022.

VASCONCELOS, Monica Cajazeira. Ensino remoto: experiências de professores de música em um centro universitário de cultura. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 25., 2021, online. *Anais [...]* ABEM, 2021. Disponível em: <http://abem-submissoes.com.br/index.php/xxvcongresso/2021/paper/view/1123>. Acesso em 3 mai. 2022.

APÊNDICES

Apêndice 1 - roteiro de entrevistas

- Apresentação — Idade e breve histórico da formação como músico.
- Breve histórico de formação e experiências pessoais e profissionais
- Formação acadêmica ou de habilidades. Experiência com modalidade de ensino remoto.
- Relato sobre fase profissional e quais eram os projetos e perspectivas no momento anterior à pandemia.
- Relato de enfrentamento frente à perda de trabalho dado pelo advento da pandemia. Novas formas de trabalho? Proposição de outras modalidades de trabalho?
- Relato sobre a percepção de mudanças na forma de trabalho com educação musical na modalidade remota trazidas pela pandemia.
- Sobre a formação para a modalidade de ensino remoto.
- Descrever as atividades educativas desenvolvidas como alternativa de renda, quanto ao público, estratégias pedagógicas utilizadas, conhecimentos prévios necessários para essa atuação.
- Sobre a percepção quanto à formação no desempenho profissional.
- Percepção sobre a organização de classe para o desempenho dos trabalhos profissionais.
- Com o crescimento da modalidade de ensino remoto, como se dá a sua percepção e perspectivas para o trabalho enquanto músico e educador musical.
- Percepção sobre as particularidades locais para a execução dos trabalhos.

Apêndice 2 - termo de consentimento dos participantes

Figura 1 - Termo de consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO

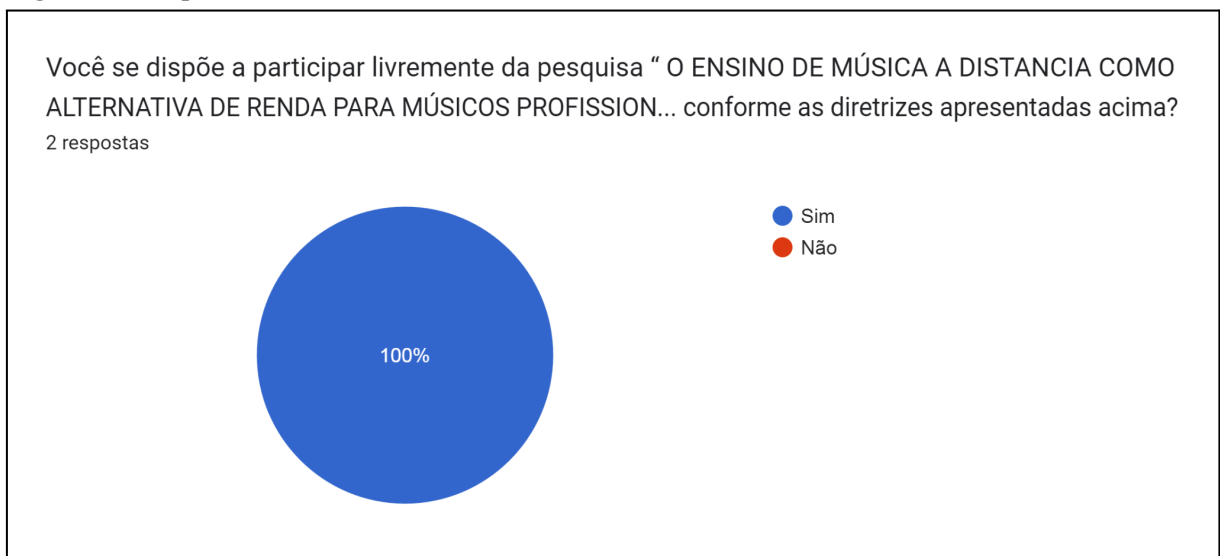
- 1- A entrevista será realizada por Vinicius Gonçalves Inácio, aluno da Licenciatura em Música da UFPB, sob orientação direta da Profa. Dra. Juciane Araldi Beltrame.
- 2- A entrevista será gravada em áudio e vídeo para posterior transcrição.
- 3- Os dados serão analisados criticamente com base na produção científica da área de educação musical.
- 4- Os resultados integrarão o Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) e poderão ser apresentados em encontros acadêmicos ou publicados em periódicos científicos da área de educação musical.

Você se dispõe a participar livremente da pesquisa " O ENSINO DE MÚSICA A DISTANCIA COMO ALTERNATIVA DE RENDA PARA MÚSICOS PROFISSIONAIS DE JOÃO PESSOA COM O ADVENTO DA PANDEMIA," do aluno Vinicius Gonçalves Inacio do curso de Licenciatura em música da UFPB, matrícula 20170200923, concedendo a entrevista, conforme as diretrizes

Escolha múltipla

Fonte: o autor

Figura 2 - Respostas do termo de consentimento



Fonte: o autor